



Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

UC/FPCE\_2012

**Comportamentos extra-diádicos *offline* e *online* nas relações de namoro: Diferenças de género nos motivos, prevalência e correlatos**

Alexandra Fernandes Rodrigues Simões Martins (e-mail: alexandrafrsmartins@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia, na área de Intervenções Cognitivo-Comportamentais nas Perturbações Psicológicas sob a orientação da Professora Doutora Maria Cristina Canavarro e do Professor Doutor Marco Pereira

## **Agradecimentos**

Gostaria, neste espaço, de expressar o mais sincero agradecimento a todas as pessoas que me acompanharam ao longo desta etapa e sem as quais este trabalho não teria sido possível.

À **Professora Doutora Cristina Canavarro**, pela orientação de excelência. Pela exigência, rigor, disciplina de trabalho e profissionalismo, mas também pela disponibilidade, preocupação e incentivo para fazer “mais e melhor”. Por último, mas não menos importante, agradeço-lhe a partilha de conhecimentos e a promoção de um espírito crítico e atento.

Ao **Professor Doutor Marco Pereira** pela competência e exigência da sua orientação. Pela disponibilidade, tempo que me dedicou e organização. Obrigada pela compreensão, preocupação, paciência, confiança, ajuda, crítica construtiva, incentivo e reforço constante. Pela amizade. Pelo conhecimento e método de trabalho transmitido. Estou-lhe imensamente grata pela oportunidade de aprendizagem que proporcionou. Por ser um exemplo de trabalho e esforço.

À **Doutora Sofia Gameiro**, **Dr.ª Ana Fonseca**, à **Dr.ª Bárbara Nazaré**, à **Doutora Carla Crespo**, à **Doutora Helena Moreira** e à **Doutora Mariana Moura-Ramos**, pelos seminários de investigação que orientaram, partilhando os seus conhecimentos e experiências. Pela atenção e disponibilidade que sempre demonstraram.

À **Liliana Barros**, à **Rita Andrade** e à **Cláudia Melo**, que foram incansáveis na ajuda que prestaram durante a recolha da amostra.

Aos **participantes deste estudo**, que disponibilizaram o seu tempo para colaborar.

Aos **meus pais e irmão**, por confiarem sempre em mim e apoiarem as minhas decisões. Pela educação e valores que me transmitiram, pela força, compreensão, carinho e reforço constante. Por me fazerem acreditar que tudo vale a pena quando a alma não é pequena. Agradeço, em especial ao meu irmão, o seu sentido de humor que me anima e relaxa sempre. Pelo amor incondicional.

Aos meus **familiares mais chegados** pelo apoio, carinho e dedicação. Por todos os ensinamentos que me transmitiram.

Ao **Miguel**, por ser o meu equilíbrio e o meu porto de abrigo. Pelo suporte, ajuda, compreensão, sentido de humor e incentivo constante. Pelo seu perfeccionismo. Porque acredita em mim. Acima de tudo, por ser quem é.

Aos meus **amigos e colegas de curso**, pela disponibilidade, cumplicidade, preocupação, partilha de ideias, confidências, desabafos, incentivo e boa disposição. Acima de tudo pela grande amizade que nos une.

## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Enquadramento conceptual .....</b>	<b>1</b>
1. Limitações na investigação sobre CED.....	3
2. Questões conceptuais acerca da infidelidade.....	5
3. A emergência dos CED <i>online</i> .....	6
4. Modelos de compreensão da infidelidade.....	9
<b>Estudo empírico - Diferenças de género nos comportamentos extra- diádicos durante o namoro: Motivos, prevalência e correlatos .....</b>	<b>14</b>
Resumo .....	14
Introdução .....	15
Método.....	23
Resultados .....	27
Discussão.....	34
Bibliografia.....	41
<b>Bibliografia geral.....</b>	<b>46</b>

## Introdução

A confiança e a lealdade são entendidas como requisitos chave para as relações amorosas (Holmes & Rempel, 1989). Nesta linha, os indivíduos envolvidos numa relação desta natureza possuem, na generalidade, uma compreensão implícita do grau em que o seu envolvimento em determinados comportamentos interpessoais é esperado como sendo exclusivo ao parceiro (Wiederman & Hurd, 1999). Quando estes comportamentos ocorrem fora da relação primária, designando-se de comportamentos extra-diádicos (CED), a confiança em que a relação se baseia é violada (Feldman, Cauffman, Jensen, & Arnett, 2000), acarretando, frequentemente, consequências emocionais e interpessoais adversas (Lou, Cartun, & Snider, 2010). Ainda que a temática da infidelidade no contexto das relações amorosas seja bastante explorada na literatura, os dados relativos aos comportamentos extra-diádicos durante a relação de namoro ainda são relativamente escassos.

Neste contexto, a investigação tem-se focado quase exclusivamente nas relações extra-conjugais, tendendo a ignorar os indivíduos em contexto de namoro (McAnulty & Brineman, 2007). Adicionalmente, a maioria dos estudos tem-se centrado na infidelidade que envolve uma relação sexual, no entanto, o interesse por outras formas de infidelidade, de natureza não-sexual, como por exemplo o *flirting*, está a ganhar maior ímpeto (Drigotas, Safstrom, & Gentilia, 1999; Yarab, Sensibaugh, & Allgeier, 1998). Nesta linha, também tem crescido o interesse e o estudo das relações românticas através da Internet e da possibilidade da ocorrência de CED através deste meio de comunicação (Underwood & Findlay, 2004; Whitty, 2003).

A literatura tem mostrado que a maioria das pessoas possui crenças de que os parceiros devem ser fiéis um ao outro, quer namorem quer sejam casados (Sheppard, Nelson, & Andreoli-Mathie, 1995). No entanto, em contexto de namoro, alguns estudos encontraram uma taxa de prevalência dos CED superior a 70% (e.g., Allen & Baucom, 2006). Neste âmbito, torna-se preponderante compreender estas elevadas taxas de prevalência, bem como perceber os motivos pelos quais os indivíduos se envolvem nestes comportamentos e identificar os possíveis correlatos deste envolvimento. A escassez de estudos, as limitações da investigação realizada neste contexto, bem como o potencial impacto negativo no bem-estar individual e relacional do casal justificam, igualmente, a importância deste estudo.

O presente estudo está organizado em duas secções principais: um enquadramento conceptual, focado em alguns aspetos de terminologia, limitações de estudos prévios e modelos de compreensão da infidelidade no contexto das relações amorosas; e um artigo empírico, centrado nos motivos para a infidelidade prévia, na taxa de prevalência e nos possíveis correlatos (sociodemográficos, relativos à história relacional e interpessoais) do envolvimento extra-diádico *offline* (i.e., presencial) e *online* (i.e., mediado pelo computador) durante a relação de namoro.

## Enquadramento conceptual

Uma característica que define uma relação monogâmica é que certos comportamentos (e.g., relação sexual) são considerados aceitáveis apenas

para as duas pessoas envolvidas na relação (Luo et al., 2010). Esta norma de exclusividade (i.e., crença de que ambos os indivíduos são comprometidos emocional e sexualmente um ao outro) tem sido encontrada, predominantemente, nos indivíduos casados ou a coabitarem (Treas & Giesen, 2000). “Quando um indivíduo se envolve em tais comportamentos exclusivos com alguém fora da relação primária, esses comportamentos são denominados de ‘comportamentos extra-diádicos’” (CED<sup>1</sup>; Luo et al., 2010, p. 155).

Tradicionalmente, os estudos nesta área têm-se focado nos CED dos indivíduos casados. A literatura sobre estes comportamentos durante o namoro é limitada, devido, em parte, às dificuldades em definir relação de namoro (McAnulty & Brineman, 2007). De acordo com estes autores, estas relações, frequentemente, não possuem um compromisso formal para a exclusividade sexual e emocional, que caracteriza o casamento, portanto a violação desta exclusividade pode ser mais difícil de definir. Por sua vez, os parceiros de namoro podem basear-se num acordo implícito do que é aceitável para eles numa relação, sem ter de estabelecer os CED que são inaceitáveis. Especialmente na cultura contemporânea, as expectativas ou “regras” sobre o que define uma relação de namoro podem ser bastante ambíguas (DeGenova & Rice, 2005, citado em McAnulty & Brineman, 2007). Embora a investigação realizada neste âmbito seja ainda relativamente recente, é durante este período que as pessoas podem, pela primeira vez, violar as expectativas de exclusividade. Nesta linha, os CED podem ter implicações subsequentes nas expectativas sobre o casamento e no comportamento (Wiederman & Hurd, 1999), ou seja, os padrões observados no namoro podem prever o ajustamento conjugal (McAnulty & Brineman, 2007).

Em estudos realizados com estudantes universitários, a investigação tem mostrado que, embora, no geral, os indivíduos desaprovem o comportamento, estes não desaprovam tanto o envolvimento extra-diádico durante o namoro como durante o casamento (Sheppard et al., 1995). Neste âmbito, o grau de desaprovação parece ser influenciado pelo contexto, isto é, a infidelidade motivada pela vivência de uma relação conturbada reflete-se numa menor desaprovação (Feldman & Cauffman, 1999b). Por sua vez, se a infidelidade resulta de uma forte atração física entre os indivíduos, esta é menos condenada do que se ocorrer por uma questão de ressentimento. Já a infidelidade que é deliberada, em vez da relacionada com a oportunidade, parece ser mais amplamente reprovada (Feldman & Cauffman, 1999b).

Os CED ocorrem com bastante frequência nas relações de namoro (Hansen, 1987; Wiederman, 1997; Wiederman & Hurd, 1999), tendo alguns

---

<sup>1</sup> Na literatura tem sido utilizada uma grande diversidade de termos para referir infidelidade. Dependendo das características e objetivos específicos de cada estudo, os investigadores têm usado designações diversas como envolvimento extra-diádico, atividade sexual extra-diádica, relações sexuais extra-diádicas, “ter um caso” (*affair*) e traição. No presente trabalho utilizaremos o termo comportamentos extra-diádicos quando nos referirmos a comportamentos de infidelidade mais específicos, mas também as designações envolvimento extra-diádico e infidelidade para abordarmos estes comportamentos num âmbito mais global. Regra geral, o uso diferenciado de cada expressão refletirá também a designação utilizada nos estudos revistos.

estudos encontrado uma prevalência superior a 70% (e.g., Allen & Baucom, 2006; Yarab et al., 1998), sendo esta superior no sexo masculino (Hansen, 1987; Wiederman & Hurd, 1999). Enquanto casar, tipicamente, envolve um compromisso significativo com a relação (Kline et al., 2004), as relações de namoro, com frequência, têm associados níveis mais baixos de compromisso (Edin, Kefalas, & Reed, 2004). Neste sentido, não surpreende que as taxas de envolvimento extra-diádico sejam mais elevadas entre os indivíduos que namoram, comparativamente aos casados (Wiederman, 1997; Wiederman & Hurd, 1999).

O estudo desta temática ilustra uma inconsistência entre as atitudes declaradas e os comportamentos reais (McAnulty & Brineman, 2007), em que atitudes favoráveis à infidelidade se relacionam com a ocorrência de sexo extra-diádico (Treas & Giesen, 2000) e parecem estar associadas à permissividade sexual global e ao início precoce da atividade sexual (Feldman & Cauffman, 1999b). Esta incongruência torna os CED num fenómeno que ainda não é totalmente compreendido (Luo et al., 2010) e que, portanto, merece ser foco de interesse da investigação, não só para alcançar uma melhor compreensão das relações, mas também devido ao potencial impacto negativo na saúde individual, relacional e sexual das partes envolvidas (Allen et al., 2005; Gordon, Baucom, & Snyder, 2004).

Num estudo de Feldman e Cauffman (1999a), a reação mais reportada pelo parceiro que se envolveu em infidelidade foi o sentimento de culpa (63%). Também reações como vergonha, raiva, tristeza, ansiedade, confiança pessoal e sexual diminuídas, e medo do abandono são apontadas frequentemente pelos indivíduos cujos parceiros se envolveram em infidelidade (Charny & Parnass, 1995; Feldman & Cauffman, 1999a; Gordon et al., 2004). Adicionalmente, a literatura tem mostrado que os CED também podem levar a conflitos, violência doméstica e homicídio (e.g., Buss, 1991; Daly & Wilson, 1988). Foi ainda encontrada uma associação entre a infidelidade e a depressão *major* nas mulheres cujo parceiro foi infiel (Cano & Leary, 2000).

O término da relação primária é uma das respostas mais comuns à infidelidade do parceiro, especialmente durante o namoro (Harris, 2002; Roscoe, Canavaugh, & Kennedy, 1988). Para além disso, a infidelidade (real ou suspeitada) é, em várias culturas, a principal causa de divórcio (Amato & Rogers, 1997; Betzig, 1989) e um dos aspetos mais difíceis de tratar na terapia de casal (Whisman, Dixon, & Johnson, 1997). Embora, de acordo com alguns autores (e.g., Ortman, 2005), a descoberta da infidelidade se possa revelar uma experiência traumática, o resultado da infidelidade no namoro não é inevitavelmente negativo. Com efeito, no estudo de Hansen (1987), aproximadamente um quarto dos participantes (referindo-se a uma amostra de estudantes universitários) que teve um envolvimento extra-diádico reportou uma melhoria efetiva da relação primária.

### **1. Limitações na investigação sobre CED**

Algumas limitações da investigação empírica realizada neste âmbito justificam a pertinência deste estudo. Primeiro, segundo alguns autores (e.g.,

Luo et al., 2010), a maioria dos estudos não apresenta uma definição operacional clara dos CED, usando termos vagos como por exemplo “comportamento romântico ou sexual” (Allen & Baucom, 2006, p. 309). Estes termos são suscetíveis de uma interpretação distinta podendo levar à inconsistência dos resultados nos diferentes estudos. Portanto, o que é considerado infidelidade num estudo não é necessariamente o mesmo tipo de infidelidade noutra estudo. Nesta linha, a validade dos estudos é colocada em causa e a comparação entre eles torna-se praticamente inexecutável (Blow & Hartnett, 2005a). Segundo, a maioria dos estudos foca-se apenas nos comportamentos sexuais, sendo o mais investigado a relação sexual extra-diádica (Atkins, Baucom, & Jacobson, 2001; Mark, Janssen, & Milhausen, 2011). A este respeito, Buunk (1980) propôs um *continuum* do comportamento extra-conjugal erótico e sexual que inclui o *flirting*, estimular genitais de outra pessoa com a mão ou boca, apaixonar-se, relações sexuais e relações sexuais prolongadas. Se inicialmente os comportamentos não-sexuais das relações extra-conjugais receberam pouca atenção, a importância de incluir informação sobre os aspetos sexuais e não-sexuais das relações começou também a ser reconhecida (Thompson, 1984). Por exemplo, no estudo de Roscoe, Cavanaugh e Kennedy (1988), 56.9% dos participantes considerou que “namorar/passar o tempo com outra pessoa” (p. 38) era um comportamento que constituía infidelidade no namoro.

Também Yarab, Sensibaugh e Allgeier (1998) investigaram que CED é que os indivíduos identificam como atos de infidelidade no contexto de relações românticas de compromisso. Este estudo forneceu uma série de comportamentos para além da relação sexual, incluindo beijo apaixonado, fantasias sexuais, fantasias não-sexuais acerca de se apaixonar, atração sexual, atração romântica, *flirting*, e comportamentos em díades, como por exemplo estudar, almoçar, ir ao cinema com alguém para além do parceiro. Estes investigadores afirmaram também que a “exclusividade mental” podia ser considerada tão importante como a “exclusividade sexual”. Posteriormente, Boekhout, Hendrick e Hendrick (2003) incluíram outros comportamentos não-sexuais na avaliação dos CED: guardar segredos do parceiro atual e mentir ao parceiro sobre encontrar-se com outra pessoa. Assim, salienta-se a importância de estudar um espectro de vários comportamentos, tanto sexuais como emocionais (e.g., Thompson, 1984; Whitty, 2003; Wiederman & Hurd, 1999). Terceiro, apenas recentemente a investigação começou a considerar as interações extra-diádicas *online* (Merkle & Richardson, 2000; Whitty, 2003). Uma vez que estas interações oferecem maior comodidade do que as atividades presenciais tradicionais, tornaram-se uma forma cada vez mais popular de construir relações, incluindo as extra-diádicas (Underwood & Findlay, 2004). Por último, como já referido, a investigação tem-se focado, maioritariamente, em indivíduos casados, sobretudo atendendo às potenciais consequências da infidelidade nestes casais, em particular o divórcio (Amato & Rogers, 1997; Betzig, 1989), tendendo a ignorar os indivíduos em contexto de namoro (McAnulty & Brineman, 2007).

Em síntese, dada a existência destas limitações, sobretudo centradas nas questões conceptuais, no ponto seguinte desenvolvemos as dificuldades que têm surgido a este nível, de forma a clarificar a sua definição e os diferentes tipos e modalidades destes comportamentos.

## **2. Questões conceptuais acerca da infidelidade**

Existe pouco consenso entre os investigadores sobre o que é exatamente a infidelidade (Blow & Hartnett, 2005a). A literatura revela que a sua definição pode revestir-se de comportamentos muito diferentes, tanto muito como pouco explicitamente sexuais (Randall & Byers, 2003).

A grande maioria dos estudos nesta área, especialmente os estudos que investigam a infidelidade no casamento (e.g., Buunk & Bakker, 1995; Træen & Stigum, 1998; Treas & Giesen, 2000), tende a basear-se em definições mais restritas, nomeadamente limitadas ao envolvimento em relações sexuais extra-diádicas no contexto de uma relação exclusiva e de compromisso (McAnulty & Brineman, 2007). Esta definição, apesar de poder fornecer estimativas mais fiáveis, é problemática, na medida em que não captura a amplitude completa de comportamentos que a maioria dos indivíduos considera como infidelidade. Adicionalmente, outros tipos de infidelidade parecem ser mais comuns e, muitas vezes, tão problemáticos para ambas as partes afetadas. Com efeito, e segundo McAnulty e Brineman (2007), as definições mais circunscritas tendem a subestimar a dimensão deste fenómeno.

Em contraste às definições mais restritas, alguns autores referem que os estudantes universitários têm definições mais amplas do termo. Por exemplo, num estudo de Randall e Byers (2003) com esta população, os resultados indicaram que as definições de infidelidade incluíram mais do que a tradicional ideia de infidelidade (i.e., ter sexo com outra pessoa para além do parceiro primário). Para além disso, este estudo revelou que não existiam diferenças de género significativas nas definições. Num estudo de Alvarez e Nogueira (2008), e comparando os resultados de uma amostra de 152 estudantes universitários portugueses com os resultados de amostras de outros países, os autores verificaram que mais de três quartos dos indivíduos considerava o sexo vaginal, oral e anal como experiências de ter sexo com outra pessoa. Nesta amostra nacional, ao contrário do que acontecia na maioria dos estudos revistos, o sexo oral foi considerado um comportamento com significado semelhante a “ter sexo”. Este estudo mostrou ainda que a definição de infidelidade sexual foi mais abrangente comparativamente aos outros estudos, envolvendo um maior número de comportamentos sexuais (e.g., desde a masturbação até ao orgasmo ao telefone ou ao computador) e pareceu incluir a mera disponibilidade simbólica para estar com o outro, sem necessitar da respetiva efetivação genital. Por sua vez, homens e mulheres entenderam ter sexo e infidelidade sexual de forma muito semelhante.

De forma a ultrapassar estas dificuldades conceptuais Blow e Hartnett (2005a), na sua revisão da literatura sobre o tema, sugeriram uma definição mais abrangente:



a infidelidade é um ato sexual e/ou emocional cometido por uma pessoa que está numa relação de compromisso, onde tal ato ocorre fora da relação primária e constitui uma violação de confiança e/ou violação de acordo de normas (abertas e cobertas) por um ou ambos os indivíduos nesse relacionamento em relação à exclusividade romântica/emocional ou sexual (pp. 191-192).

De acordo com Glass (2002), a infidelidade pode ser definida como “um envolvimento secreto sexual, romântico, ou emocional que viola o compromisso de uma relação exclusiva” (p. 489), e McNulty e Brineman (2007) entendem que a infidelidade consiste em “qualquer forma de intimidade emocional ou sexual com outra pessoa para além do parceiro primário” (p. 95). Com efeito, observa-se nas várias definições a presença de diferentes tipos de CED, nomeadamente um sexual e outro emocional. Estas definições remetem-nos, então, para a existência de dois tipos de infidelidade, aspeto consensual para a maioria dos investigadores: a *sexual* (i.e., envolvimento numa relação sexual com outra pessoa para além do parceiro) e a *emocional* (i.e., apaixonar-se por outra pessoa que não o parceiro primário; Miller & Maner, 2008). A este respeito, Glass e Wright (1985) haviam já explorado o comportamento de infidelidade num contínuo entre o envolvimento sexual e o envolvimento emocional, ou seja, admitindo que estes diferentes tipos não são mutuamente exclusivos (Blow & Hartnett, 2005b).

Mais recentemente, e para além desta diferenciação, a investigação também tem indicado que os indivíduos acreditam que a infidelidade pode ocorrer tanto na modalidade *offline* como na *online* (Henline, Lamke, & Howard, 2007; Whitty, 2003).

### 3. A emergência dos CED *online*

Embora o contexto em que a infidelidade presencial (i.e., *offline*) ocorre seja amplamente conhecido (e reconhecido), a emergência de novas modalidades de infidelidade, em particular a que decorre mediada pelo computador (i.e., *online*), tem assumido uma importância crescente. Deste modo, entendemos que esta modalidade de infidelidade merece algumas considerações adicionais.

A Internet tem sido considerada um meio poderoso de comunicação, cujas características especiais – acessibilidade, anonimato, facilidade de utilização e baixo custo – permitem relações românticas e acesso a todos os tipos de procura sexual (Carvalheira & Gomes, 2003). O comportamento sexual mediado pelo computador, também conhecido como cibersexo, é uma tendência popular crescente, na qual as pessoas usam o conteúdo interativo para estimulação sexual (Maheu & Subotnik, 2001, citados em Harvey & Hackathorn, 2011). Enquanto os números variam, os estudos sugerem que os tópicos relativos à sexualidade humana são os mais frequentemente pesquisados na Internet (Dew, Brubaker, & Hays, 2006), visto que 30% ou mais da população *online* visita sites de natureza sexual (Drudis, 1999) e pelo menos 12 milhões de pessoas usam a Internet para prazeres sexuais, que variam

desde a visualização de fotografias sensuais à masturbação enquanto falam em salas de conversação (*chat rooms*; Collins, 1999).

Maheu e Subotnik (2001, citados em Harvey & Hackathorn, 2011) sugerem que a “ciber-infidelidade” ocorre quando um parceiro, numa relação de compromisso, usa o computador / a Internet para violar qualquer promessa, votos ou acordos relativos à exclusividade numa relação. A este respeito, já Shaw, em 1997, havia afirmado que a infidelidade *online* seria comportamentalmente diferente de outros tipos de infidelidade, contudo, os fatores associados e os resultados seriam semelhantes, principalmente quando considerando como isso afeta a maneira como os parceiros se relacionam.

De facto, o envolvimento em comunicações visuais eróticas com outra pessoa pode provocar uma ameaça real aos casais e tem consequências diversas, variando do trauma até mesmo ao divórcio (Singh, Singh, & Goyal, 2008; Whitty, 2003). No estudo de Underwood e Findlay (2004), embora apenas um quarto da amostra tenha admitido que a sua relação *online* afetou a relação primária, a maioria dos participantes reportou que mentiram ao parceiro sobre a quantidade de tempo *online* despendida com a outra pessoa e que negligenciaram encarregar-se das tarefas rotineiras em casa porque estavam *online* com a outra pessoa. Ainda, alguns participantes relataram que os níveis de intimidade sexual com o seu parceiro primário tinham diminuído.

As relações românticas *online* estão, com efeito, a tornar-se um objeto de interesse crescente na investigação, não só porque o seu número está a aumentar, mas também devido à possibilidade de afetar adversamente os casamentos e as uniões de facto (Merkle & Richardson, 2000; Young, Griffin-Shelley, Cooper, O'Mara, & Buchanan, 2000). Vários estudos nos últimos anos têm tentado definir os parâmetros para “ciber-comportamentos extra-diádicos” (Harvey & Hackathorn, 2011). Por exemplo, Whitty (2003) investigou as atitudes dos homens e das mulheres face à infidelidade *online* e *offline*, e se as relações via Internet eram consideradas atos de infidelidade. Os participantes foram questionados em que medida consideravam, por exemplo, a participação em cibersexo, o envolvimento numa conversa sexual *online*, a partilha de informação emocional *online* versus *offline*, e o envolvimento numa relação sexual presencial como constituindo comportamentos de infidelidade. A análise fatorial indicou a existência de três dimensões de infidelidade: infidelidade sexual (que incluía atos sexuais *offline* e *online*, como a relação sexual *offline*, o cibersexo e as conversas sexuais *online*), a infidelidade emocional (que incluía partilha de detalhes íntimos com uma pessoa do sexo oposto) e, por fim, a pornografia (que incluía ver material pornográfico tanto *offline* como *online*, como ir a clubes de *striptease*, ver revistas pornográficas e ver vídeos na Internet; Whitty, 2003). Globalmente, os resultados mostraram que a relação sexual, as conversas sexuais *online* e o cibersexo obtiveram médias elevadas, enquanto que as médias dos itens pornográficos e das relações não-sexuais foram relativamente baixas. Os resultados indicaram, igualmente, que as pessoas têm atitudes semelhantes face à infidelidade *online* e *offline* e que as relações

românticas *online* foram consideradas atos reais de infidelidade. Além disso, alguns comportamentos *online*, incluindo a atividade sexual *online*, foram considerados atos mais significativos de infidelidade do que alguns comportamentos presenciais, como por exemplo a partilha de informação íntima. Em suma, este estudo sugeriu que os comportamentos *online* podem ter um impacto significativo, sem que seja necessária a presença física dos indivíduos em interação. Efetivamente, não existem corpos físicos presentes *online*, no entanto, isto não quer dizer que as atividades sejam “irreais” (Whitty, 2003).

Também neste contexto, as diferenças de gênero assumem especial relevância. Vários estudos sugerem que o gênero masculino é o que mais tende a envolver-se em relações românticas mediadas pelo computador (e.g., Cooper, Delmonico, & Burg, 2000; Wysocki, 1998). No entanto, as mulheres tendem a reportar a infidelidade *online* como mais perturbadora (Hackathorn, 2009) e tendem, comparativamente aos homens, a conceptualizar uma variedade mais ampla de comportamentos *online* como infidelidade (Whitty, 2003).

A natureza das relações românticas via Internet tem sido um tópico de reflexão nos últimos anos. Alguns autores (e.g., Cooper & Sportolari, 1997; Merkle & Richardson, 2000) têm sugerido que as características emocionais das relações estabelecidas através da Internet prevalecem sobre as da atração física ou sexual (Underwood & Findlay, 2004). Tem sido igualmente referido que a tecnologia atual da Internet supõe que os atos de infidelidade envolvam CED emocionais mais do que sexuais, e que isto deve ser compreendido como um desejo persuasivo para se ser amado e cuidado de uma forma que não se é na relação primária. Estas considerações parecem sugerir que a intimidade emocional está mais fortemente associada com as relações românticas através da Internet, do que com a atração física entre os indivíduos (Cooper, McLoughlin, & Campbell, 2000; Cooper & Sportolari, 1997). Com efeito, é difícil definir infidelidade sexual no contexto de relações mediadas pelo computador, uma vez que o acordo estabelecido relativo à exclusividade não pode ser violado por atos sexuais físicos, como nas relações *offline*, sobretudo devido à separação geográfica entre o indivíduo e o seu parceiro *online* extra-diádico, pelo menos nos momentos iniciais da relação (Underwood & Findlay, 2004).

Porém, apesar desta separação geográfica ser uma importante característica das relações *online*, a natureza sexual do relacionamento mediado pelo computador não deve ser subestimada. Segundo Wysocki (1998), mais de 50% de toda a comunicação *online* está relacionada com sexo. Adicionalmente, no estudo de Underwood e Findlay (2004), a troca de fotografias e vídeos e a utilização de *webcam* pela maioria dos participantes pareceu indicar que o papel da atratividade nas relações *online* pode ser mais importante do que previamente foi sugerido (McKenna & Bargh, 2000). Estes resultados desafiam as propostas anteriores de que as relações *online* são menos superficiais do que as que ocorrem presencialmente, pois são construídas com base em níveis elevados de comunicação e auto-revelação (Merkle & Richardson, 2000) e no desenvolvimento da intimidade, em vez

de na aparência física (Cooper & Sportolari, 1997; McKenna & Bargh, 1999).

Assim, embora ainda haja muito que investigar sobre se as relações *online* representam um “verdadeiro” comportamento de infidelidade, os resultados de vários estudos suportam que o envolvimento em conversas sexuais *online* e a partilha informação emocional *online* constituem “verdadeiras” formas de infidelidade (Underwood & Findlay, 2004; Whitty, 2003, 2005). Com efeito, as relações *online*, particularmente aquelas que são românticas na sua natureza, têm sido reportadas pelos participantes como sendo tão “autênticas”, tão próximas e tão ou mais importantes que as relações românticas *offline* (Merkle & Richardson, 2000).

Ainda neste âmbito, alguns investigadores estudaram como é que as relações românticas progridem *online*. Por exemplo, Whitty e Gavin (2001) sustentaram que as relações, frequentemente, não permanecem na modalidade *online*, mas tendem a progredir do *chat* para o *e-mail*, depois para o telefone e, por fim, para a modalidade presencial. Também no estudo de McKenna, Green e Gleason (2002), os autores concluíram que a ausência de características de divulgação e a capacidade de auto-revelação, num ambiente anónimo, foram razões importantes para explicar o porquê destas relações se desenvolverem tão rapidamente através da Internet e de se tornarem geralmente próximas e íntimas.

#### 4. Modelos de compreensão da infidelidade

A infidelidade, no contexto das relações íntimas, pode ser entendida à luz de diversas abordagens teóricas, como a teoria evolucionária (e.g., Trivers, 1972); a hipótese de dupla-tentativa (“double-shot hypothesis”; DeSteno & Salovey, 1996) ou hipótese dois-para-um (“two-for-one hypothesis”; Harris & Christenfeld, 1996); as teorias socioculturais (e.g., Crawford & Popp, 2003); o modelo de investimento (e.g., Drigotas et al., 1999; Rusbult, 1980, 1983); e o modelo do *deficit* (Thompson, 1983). Na generalidade, estas diferentes abordagens centram-se sobretudo nas diferenças de género, mas também nos fatores interpessoais. Em seguida, é apresentada uma breve descrição de cada uma destas teorias.

##### Teoria evolucionária

Segundo Brand, Markey, Mills e Hodges (2007), a investigação prévia sugere que as diferenças de género no comportamento sexual podem ser melhor compreendidas no contexto da teoria evolucionária. De acordo com esta abordagem, as diferentes respostas de ciúme evoluíram como consequência do facto do homem e da mulher ancestral enfrentarem desafios reprodutivos incomparáveis (Bassett, 2005). Com efeito, e no âmbito destas diferenças, a teoria do investimento parental tem sido particularmente informativa (Trivers, 1972). Esta teoria afirma que as mulheres e os homens têm diferentes níveis de investimento obrigatório na sua descendência. Nomeadamente, as mulheres têm um investimento parental obrigatório muito maior, quando comparadas com os homens (que podem, mas não

precisam de investir mais do que no acto do sexo; Brand, Markey, Mills, & Hodges, 2007). Contudo, os homens, devido à fertilização *escondida* (Bassett, 2005, p. 72), encaram um problema adaptativo diferente, que não é enfrentado pelas mulheres — a sua incerteza paternal (Bassett, 2005; Buss, 2000). Consequentemente, e como menciona Bassett, as pressões da seleção favoreceram o homem ancestral que respondia com ciúme aos sinais da infidelidade sexual da parceira, porque fazendo-o estaria a diminuir a probabilidade de ser traído. Por sua vez, a mulher ancestral enfrenta um desafio reprodutivo, que não é partilhado pelo homem ancestral — a necessidade de uma dieta rica em calorias para ter a energia suficiente para a gravidez e lactação. Consequentemente, as pressões da seleção favoreceram a mulher ancestral que respondia com ciúme aos sinais de desvio de recursos do parceiro (assunção de que o homem poderá providenciar os seus recursos a “outra mulher”, por quem estará apaixonado), uma vez que o fazendo elas estariam a aumentar a probabilidade de terem uma dieta suficientemente calórica para garantir uma gravidez saudável e uma produção de leite adequada (Bassett, 2005). Portanto, e nesta perspetiva, as mulheres desenvolveram um ciúme inato face à infidelidade emocional (Buss, 2000).

Devido aos diferentes níveis de investimento, os comportamentos de acasalamento dos homens e das mulheres podem diferir de várias formas. A teoria do investimento parental (Trivers, 1972) afirma que uma estratégia de quantidade sobre uma de qualidade pode ser mais efetiva quando o investimento obrigatório é baixo. Por um lado, o género que menos investe (o masculino), de forma a maximizar as suas oportunidades de ser reprodutivamente bem-sucedido (Luo et al., 2010), tem maior probabilidade de se envolver num acasalamento de curta duração com múltiplos parceiros, em comparação com o género que mais investe (o feminino). Por outro lado, para o género que mais investe, uma estratégia de qualidade sobre uma de quantidade tem mais probabilidade de surgir; uma vez que, neste contexto, um parceiro de elevada qualidade é aquele que mais facilmente pode providenciar uma descendência com genes saudáveis e vários anos de proteção e de recursos. Assim sendo, é pouco provável que as mulheres utilizem a infidelidade como uma forma de garantir vários parceiros de curta duração (Brand et al., 2007). Com efeito, um dos motivos pelos quais as mulheres podem envolver-se em CED é para trocar de parceiro, ou seja, para encontrar um parceiro de substituição, sem primeiro abdicarem da segurança e da proteção derivada do parceiro atual (Symons, 1979, citado em Brand et al., 2007).

#### Hipótese de dupla-tentativa ou Hipótese dois-para-um

Porém, nem todos os teóricos concordam com esta abordagem evolucionária. Teorias alternativas têm sido desenvolvidas para explicar o ciúme e o *distress* experimentado após o envolvimento do parceiro em CED (Whitty & Quigley, 2008). Por exemplo, alguns teóricos entendem que é crucial compreender o que os homens e as mulheres “lêem na infidelidade” do seu parceiro. Esta leitura tem sido designada de hipótese de dupla-tentativa (DeSteno & Salovey, 1996) ou de hipótese dois-para-um (Harris &

Christenfeld, 1996). Estes autores sugerem que alguns indivíduos acreditam que a infidelidade sexual e emocional não são acontecimentos independentes e que, portanto, os homens e as mulheres consideram os dois tipos de infidelidade mais perturbadores quando combinados, do que quando confrontados com apenas um. Essencialmente, esta hipótese afirma que os homens tendem a considerar a infidelidade sexual como mais perturbadora, pois inferem que se a mulher tem uma relação sexual com outro homem é porque esta, provavelmente, também está apaixonada pelo mesmo. A infidelidade emocional é menos perturbadora para os homens, uma vez que as mulheres podem estar apaixonadas sem ter relações sexuais (DeSteno & Salovey, 1996; Harris & Christenfeld, 1996). Já as mulheres, quando compreendem que o seu parceiro, por exemplo, desenvolveu um vínculo emocional com outra pessoa ficam particularmente perturbadas, pois depreendem que se o seu parceiro é emocionalmente infiel, então também o é sexualmente. Por sua vez, o género feminino tende a acreditar que o homem tem relações sexuais sem estar apaixonado, portanto a infidelidade sexual é menos perturbadora para o sexo feminino (DeSteno & Salovey, 1996; Harris & Christenfeld, 1996). Ou seja, de acordo com esta teoria, as assimetrias sexuais refletem uma variação nas inferências que os homens e as mulheres fazem no que respeita à infidelidade emocional e sexual do parceiro, em vez de refletirem estratégias de acasalamento (Basset, 2005; Cramer, Abraham, Johnson, & Manning-Ryan, 2001/2002).

#### Teorias socioculturais

As teorias socioculturais sugerem que, desde cedo, os homens e as mulheres aprenderam imagens de género específicas deles como seres sexuais, com base na cultura de uma determinada sociedade. As diferenças de género nos CED podem ser o resultado da existência de duplos padrões para mulheres e homens (Crawford & Popp, 2003). O comportamento que não está de acordo com as normas sociais específicas de género é sancionado. Os homens, no geral, são ensinados a ser agressivos, tanto física como sexualmente, e a permissividade sexual é frequentemente reforçada (Harvey & Hackathorn, 2011). Por sua vez, espera-se que as mulheres mostrem um interesse sexual reduzido, tenham menos parceiros e relacionem o sexo mais fortemente com amor do que os homens (Kelly & Bazzini, 2001). A fidelidade é mais valorizada nas mulheres do que nos homens, e estas são mais severamente repreendidas por comportamentos de infidelidade (Fiske & Stevens, 1993, citados em Harvey & Hackathorn, 2011). É igualmente sugerido por este duplo padrão sexual que o género feminino espere a infidelidade sexual do parceiro e que não fique perturbado com isso quando acontece (Paul, Foss, & Baenninger, 1996).

No entanto, ao longo das últimas décadas, as mulheres têm mudado o seu comportamento sexual, mais do que os homens, nomeadamente, no que diz respeito às relações sexuais extra-diádicas (Træen & Stigum, 1998; Wiederman, 1997). Tem sido discutido se isto é ou não um efeito da tão aclamada revolução sexual dos anos 70, já que, em comparação com as gerações mais velhas de mulheres, as gerações mais novas parecem

considerar os CED como aceitáveis e exequíveis em determinadas condições (Træen, Holmen, & Stigum, 2007).

#### Modelo de Investimento

Provavelmente um dos modelos mais adequados para a predição da infidelidade no contexto de namoro é o modelo de investimento de Rusbult (1980, 1983). Este modelo baseia-se em vários princípios da teoria da interdependência (Kelley & Thibaut, 1978), para predizer o compromisso e a estabilidade nas relações românticas (Impett, Beals, & Peplau, 2001/2002), e assume que os indivíduos são, no geral, motivados para maximizar as recompensas e minimizar os custos (Rusbult, 1980).

O modelo de investimento de Rusbult mantém que a força central nas relações românticas é o *compromisso*, que representa tanto uma vinculação psicológica como uma motivação para continuar uma relação. Por sua vez, existem três elementos nas relações que actuam juntos para tornarem um indivíduo mais ou menos comprometido à relação: a satisfação, a qualidade das alternativas e o investimento (Drigotas et al., 1999). A *satisfação* representa os resultados que uma pessoa recebe da relação e associa-se positivamente ao compromisso. Adicionalmente, é de referir que, geralmente, a satisfação é conceptualizada como o grau em que uma pessoa percebe a relação como gratificante. Normalmente, os sujeitos estão satisfeitos quando as relações providenciam elevadas recompensas (e.g., gratificação sexual) e baixos custos (e.g., conflitos pouco frequentes; Impett et al., 2001/2002). A *qualidade da alternativa* representa os resultados que uma pessoa espera da próxima melhor alternativa para a relação (e.g., namorar com outra pessoa) e relaciona-se negativamente com o compromisso. O *investimento* representa os recursos que uma pessoa pode perder se a relação chegar ao fim, associando-se positivamente ao compromisso. Rusbult (1980) afirma que o compromisso aumenta ao longo do tempo, em parte, porque o investimento intrínseco (e.g., tempo, envolvimento emocional, auto-revelação) ou extrínseco (interesses exteriores à relação; e.g., a casa do indivíduo e a relação primária inicialmente poderiam não estar associadas, mas se o indivíduo acredita que o término da relação irá fazer com que perca a sua casa, então poderá existir mais compromisso e menos probabilidade deste abandonar a relação) de recursos aumenta os custos de abandonar a relação. Com efeito, de acordo com este modelo, os indivíduos que estão altamente satisfeitos, que percecionam poucas alternativas atrativas e que têm investido na relação estarão altamente comprometidos com a sua relação romântica primária (Impett et al., 2001/2002).

Aplicando este modelo, num estudo com uma amostra de estudantes universitários heterossexuais, a baixa satisfação com a relação explicou 18.49% da variância numa medida dos atos recentes de comportamentos físicos íntimos envolvendo um parceiro extra-diádico (Drigotas et al., 1999). Usando a Escala do Modelo do Investimento (EMI; Rusbult, Martz, & Agnew, 1998), que congrega as dimensões subjacentes ao modelo de Rusbult, os resultados do estudo de Drigotas e colaboradores indicaram que

o compromisso e o investimento prediziam negativamente, e de forma significativa, os atos recentes de comportamentos físicos íntimos extra-diádicos. Também os resultados do estudo de Buunk e Bakker (1997) sugerem que o compromisso é um importante determinante da intenção de ter numa relação sexual extra-diádica e que, embora a satisfação tenha também um efeito independente, é em grande medida através do seu efeito no compromisso que a menor satisfação, as alternativas atrativas e os reduzidos investimentos na relação contribuem para a intenção de ter relações extra-diádicas.

O modelo do investimento de Rusbult ressalta ainda outra variável importante, neste caso contextual, denominada qualidade das alternativas. No contexto das relações de namoro, McAlister, Pachana e Jackson (2005) encontraram que esta variável foi o preditor mais forte tanto da inclinação extra-diádica para ter sexo como da inclinação extra-diádica para beijar, sugerindo que esta variável pode ser uma chave determinante da inclinação dos indivíduos para se envolverem em actividades extra-diádicas.

#### Modelo do *deficit*

Por fim, um outro modelo tem sido abordado na literatura. O modelo do *deficit* (Thompson, 1983) indica que a infidelidade está negativamente associada a vários aspetos da satisfação com a relação, incluindo o grau em que a relação é globalmente satisfatória, se as necessidades pessoais estão a ser satisfeitas, o grau de amor sentido pelo parceiro primário, a frequência e a qualidade da relação sexual com o parceiro primário e a duração do relacionamento. Com efeito, a reduzida satisfação relacional e sexual com o parceiro primário mostrou-se associada à motivação para o envolvimento em CED (Bui, Peplau, & Hill, 1996; Drigotas et al., 1999; Traeen & Stigum, 1998; Treas & Giesen, 2000). Porém, também nas premissas deste modelo se encontram diferenças de género. Especificamente, enquanto a relação entre os CED e a satisfação relacional parece ser particularmente importante para as mulheres (e.g., Glass & Wright, 1985), a insatisfação sexual parece estar mais relacionada com os CED nos homens (e.g., Liu, 2000; Mark et al., 2011).



**Estudo empírico**  
**Diferenças de género nos comportamentos extra-diádicos**  
**durante o namoro: Motivos, prevalência e correlatos**

**Resumo**

**Contexto:** A investigação sobre os comportamentos extra-diádicos no âmbito das relações de namoro é recente e limitada (McAnulty & Brineman, 2007). Os estudos têm reportado taxas de prevalência elevadas, nomeadamente entre os homens (e.g., Wiederman & Hurd, 1999) e mais recentemente começou a ser dada maior atenção ao envolvimento nestes comportamentos extra-diádicos através da Internet (*online*). O presente estudo teve como objetivo avaliar as diferenças de género nos motivos para a infidelidade prévia, nas taxas de prevalência e nos correlatos socio-demográficos, relativos à história relacional e interpessoais dos comportamentos extra-diádicos *offline* e *online*, durante o namoro.

**Método:** A amostra foi constituída por 494 participantes (156 homens e 338 mulheres) com uma idade média de 23.38 anos ( $DP = 3.41$ ). Os homens namoravam, em média, há aproximadamente 31 meses e as mulheres há cerca de 37 meses. Do protocolo de avaliação, faziam parte uma ficha de dados sociodemográficos e de questões relativas à história sexual, relacional e familiar, e os instrumentos de auto-resposta: Inventário de Comportamentos Extra-Diádicos e Medida Global da Satisfação Relacional e Medida Global da Satisfação Sexual.

**Resultados:** Uma “oportunidade que surgiu” foi o motivo para a infidelidade mais reportado pelos homens e a infelicidade com a relação o mais referido pelas mulheres. A maioria dos participantes (63.5% dos homens e 56.5% das mulheres) reportou já se ter envolvido em comportamentos extra-diádicos *offline* e 46.2% dos homens e 39.3% das mulheres já se envolveu em comportamentos extra-diádicos *online*, sendo que esta diferença não foi estatisticamente significativa. No geral, já ter sido infiel a um parceiro e uma menor satisfação relacional foram preditores importantes do envolvimento em comportamentos extra-diádicos. Especificamente, para os homens, pertencer à religião Católica e história prévia de infidelidade do pai foram preditores significativos dos comportamentos extra-diádicos *online*. Entre as mulheres, o número de parceiros sexuais nos últimos dois anos associou-se significativamente com o envolvimento extra-diádico *offline*.

**Conclusões:** Embora homens e mulheres cada vez se aproximem mais no que respeita aos motivos e taxas de prevalência, os correlatos do envolvimento em comportamentos extra-diádicos diferem em função do género. Globalmente, as variáveis sociodemográficas não se revelaram preditores significativos dos comportamentos extra-diádicos; as variáveis relativas à história relacional e interpessoais apresentam-se como particularmente relevantes. Sugestões para investigação futura são apresentadas à luz destes resultados.

**Palavras-chave:** comportamentos extra-diádicos, diferenças de género, prevalência, relação de namoro.

## Abstract

**Background:** The research on extra-dyadic behaviors within the scope of dating relationships is recent and limited (McAnulty & Brineman, 2007). Studies have found high prevalence rates, particularly among men (e.g., Wiederman & Hurd, 1999), and more recently a higher attention has been given to the involvement on extra-dyadic behaviors through the Internet (online). The goal of the present study was to assess gender differences in reasons for previous infidelity, in prevalence rates and in sociodemographic, relational history and interpersonal correlates of offline and online EDB during dating.

**Methods:** The sample consisted of 494 participants (156 men and 338 women) with an mean age of 23.38 years ( $SD = 3.41$ ). Men dated, on average, for approximately 31 months and women for approximately 37 months. The assessment protocol consisted of a sheet of sociodemographic data and questions related to the sexual, relational and familiar history, and the self-report instruments: Extradynamic Behaviors Inventory and Global Measure of Relationship Satisfaction and Global Measure of Sexual Satisfaction.

**Results:** An “opportunity that came up” was the most reported reason by men for infidelity and unhappiness with the relationship was the most referred reason by women. The majority of participants (63.5% of men and 56.5% of women) reported having already been involved in offline extra-dyadic behaviors and 46.2% of men and 39.3% of women have already been engaged in online extra-dyadic behaviors, and this difference was not statistically significant. Overall, having been unfaithful to a partner and lower relational satisfaction were important predictors of involvement in extra-dyadic behaviors. Specifically, for men, belonging to the Catholic religion and prior history of the father’s infidelity were significant predictors of the online extra-dyadic behaviors. Among women, the number of sexual partners in the last two years was significantly related with offline extra-dyadic behaviors.

**Conclusions:** Although men and women are converging in terms of the reasons and rates of prevalence, the correlates of engagement in EDB differ according to gender. Overall, the socio-demographic variables were non-significant predictors of extra-dyadic behaviors; on the other hand, the variables related to interpersonal and relational history proved to be particularly important. Suggestions for future research are presented in the view of these findings.

**Keywords:** extra-dyadic behaviours, gender differences, prevalence, dating relationships.

## Introdução

Numa relação monogâmica, alguns comportamentos, por exemplo as relações sexuais, são considerados aceitáveis apenas para as duas pessoas envolvidas nessa relação (Luo, Cartun, & Snider, 2010). Esta norma de exclusividade (i.e., crença de que ambos os indivíduos estão emocional e sexualmente comprometidos um com o outro) tem sido fundamentalmente

encontrada nos indivíduos casados ou a coabitarem (Treas & Giesen, 2000). Porém, “quando um indivíduo se envolve em tais comportamentos exclusivos com alguém fora da relação primária, esses comportamentos são denominados de ‘comportamentos extra-diádicos’” (CED<sup>2</sup>; Luo et al., 2010, p. 155).

A investigação nesta área, tradicionalmente, tem-se focado nos CED dos indivíduos casados. A literatura sobre estes comportamentos no namoro é mais limitada, sobretudo devido às dificuldades em definir a relação de namoro (Hansen, 1987; McAnulty & Brineman, 2007). De acordo com McAnulty e Brineman (2007), estas relações normalmente não possuem um compromisso formal para a exclusividade sexual e emocional, que caracteriza o casamento, portanto a violação desta exclusividade pode ser mais difícil de definir. Embora a investigação realizada no âmbito das relações de namoro seja relativamente recente, é durante este período que as pessoas podem, pela primeira vez, violar as expectativas de exclusividade. Nesta linha, os CED observados durante o namoro podem ter implicações subsequentes nas expectativas sobre o casamento e no comportamento (Wiederman & Hurd, 1999).

Os CED ocorrem com bastante frequência nas relações de namoro (Hansen, 1987; Wiederman, 1997a; Wiederman & Hurd, 1999), tendo alguns estudos encontrado uma prevalência superior a 70% (e.g., Allen & Baucom, 2006; Yarab, Sensibaugh, & Allgeier, 1998). As relações de namoro, comparativamente ao casamento, têm, frequentemente, níveis mais baixos de compromisso (Edin, Kefalas, & Reed, 2004). Portanto, não é de surpreender que as taxas de envolvimento extra-diádico sejam mais elevadas entre os sujeitos que namoram, comparativamente aos casados (Wiederman, 1997a; Wiederman & Hurd, 1999).

Algumas limitações da investigação realizada neste âmbito, também, justificam a pertinência deste estudo. Primeiro, segundo alguns autores (e.g., Luo et al., 2010), a maioria dos estudos não apresenta uma definição operacional clara dos CED, usando uma terminologia vaga como “comportamento romântico ou sexual” (Allen & Baucom, 2006, p. 309). Segundo, a maioria dos estudos foca-se apenas nos comportamentos sexuais, sendo o mais comumente investigado a relação sexual extra-diádica (e.g., Atkins, Baucom, & Jacobson, 2001; Mark, Janssen, & Milhausen, 2011), apesar de muitos autores reforçarem a importância de se considerar um espectro mais amplo de comportamentos, tanto sexuais como emocionais (e.g., Roscoe, Cavanaugh, & Kennedy, 1988; Thompson, 1984; Whitty, 2003; Wiederman & Hurd, 1999; Yarab et al., 1998). Terceiro, apenas recentemente a investigação começou a considerar o envolvimento extra-diádico *online* (Merkle & Richardson, 2000; Whitty, 2003), apesar do

---

<sup>2</sup> Na literatura tem sido utilizada uma grande diversidade de termos para referir infidelidade (e.g., envolvimento extra-diádico, traição, ter um caso [*affair*]), termos habitualmente dependentes dos objetivos específicos de cada estudo. No presente trabalho utilizaremos o termo comportamentos extra-diádicos quando nos referirmos aos comportamentos de infidelidade mais específicos, mas também as designações envolvimento extra-diádico e infidelidade para abordarmos estes comportamentos num âmbito mais global.

número de relações românticas *online* estar a aumentar e os indivíduos descreverem, frequentemente, estas relações como íntimas e tão “autênticas” como qualquer relação presencial (Merkle & Richardson, 2000). Segundo Shaw (1997), a infidelidade *online* é comportamentalmente diferente de outros tipos de infidelidade; contudo, os fatores associados e os resultados são semelhantes quando consideramos como isso afeta a maneira como os parceiros se relacionam. Por último, a investigação baseia-se, maioritariamente, em indivíduos casados, sobretudo atendendo às potenciais consequências da infidelidade nestes casais, em particular o divórcio (Amato & Rogers, 1997; Betzig, 1989), tendendo a ignorar os indivíduos em contexto de namoro (McAnulty & Brineman, 2007).

#### Motivos para a infidelidade

Os possíveis motivos para a infidelidade no namoro são numerosos e variados, e provavelmente imprecisos, dada a natureza retrospectiva da maioria dos estudos (McAnulty & Brineman, 2007).

Drigotas, Safstrom e Gentilia (1999) numa tentativa de providenciar um enquadramento geral acerca das justificações que as pessoas dão para se envolverem em infidelidade dividiram a literatura sobre esta temática em cinco categorias: sexualidade, satisfação emocional, contexto social, atitudes-normas e vingança-hostilidade. A sexualidade incluiria o desejo de uma maior variedade sexual e a incompatibilidade sexual com o parceiro primário; a satisfação emocional implicaria, por exemplo, baixa satisfação relacional e reforço do ego; os fatores do contexto social diriam respeito à oportunidade, à atração/proximidade física e à ausência física do parceiro primário; as atitudes-normas incluiriam atitudes e normas de permissividade sexual; por último, responder à infidelidade do parceiro – infidelidade como vingança – tem sido uma razão, tradicionalmente, mencionada entre os parceiros casados (e.g., Buss & Shackelford, 1997).

Numa amostra de adolescentes e jovens adultos, Feldman e Cauffman (1999) encontraram que a atração sexual foi o motivo referido com maior frequência para a infidelidade (53%), a ausência do parceiro foi um segundo motivo (48%), seguindo-se o sentimento de incapacidade de resistir à oportunidade (45%). Também a insatisfação sexual e a insegurança acerca da relação foram dois motivos referidos por um terço dos participantes que foi infiel. Já a vingança não se mostrou um motivo comum neste estudo. Por sua vez, Barta e Kiene (2005) relataram que a insatisfação com a relação primária e o sentir-se rejeitado foram dois dos motivos mais comumente citados numa amostra de 120 estudantes universitários. Adicionalmente, no estudo de Roscoe, Cavanaugh e Kennedy (1988), focado nas razões pelas quais o parceiro se pode envolver em infidelidade, as mais frequentemente citadas foram: insatisfação com a relação de namoro (43.5%), aborrecimento (34.1%), vingança/raiva/ciúme (25.6%), insegurança/incerteza acerca da relação (20.3%) e variedade/experimentação (19.9%).

Recentemente, Brand, Markey, Mills e Hodges (2007) concluíram que homens e mulheres dão justificações semelhantes para o comportamento de infidelidade. Os homens indicaram motivos como a atração pela parceira

extra-diádica (66.7%), aborrecimento na relação atual (42.9%), infelicidade na relação atual (27.4%) e o fato da parceira extra-diádica os fazer sentir atraentes (20.2%). Já as mulheres apontaram os seguintes: atração pelo parceiro extra-diádico (67%), infelicidade na relação atual (54.6%), o fato do parceiro extra-diádico as fazer sentir atraentes (42.3%), aborrecimento na relação atual (40.2%) e a relação estar a terminar de qualquer maneira (26.8%). Apesar dos motivos referidos para o envolvimento extra-diádico serem semelhantes entre homens e mulheres, a evidência tem mostrado, no entanto, diferenças nos seus correlatos (Havlicek, Husarova, Rezacova, & Klapilova, 2011).

Devido ao potencial impacto negativo que os CED podem ter na estabilidade de uma relação (e.g., término da relação; Harris, 2002) e no bem-estar individual (e.g., confiança pessoal e sexual diminuída; Charny & Parnass, 1995), vários investigadores têm tentado perceber quais os fatores que colocam os indivíduos em risco de CED (Mark et al., 2011). Globalmente, e de acordo com os mesmos autores, os fatores mais estudados centram-se em variáveis sociodemográficas (e.g., género, educação), intrapessoais (e.g., estilo de vinculação, personalidade) e interpessoais (e.g., satisfação com a relação).

#### Variáveis sociodemográficas

A literatura oferece apenas uma imagem incompleta e inconsistente, apesar de vários estudos se focarem na associação entre a infidelidade e os fatores demográficos (Blow & Hartnett, 2005b; Drigotas & Barta, 2001). Neste âmbito, o género tem sido a variável mais estudada (Mark et al., 2011), no entanto a religiosidade e o nível de educação também têm sido exploradas por diversos estudos (e.g., Atkins et al., 2001).

Como referido, o **género** é a variável mais comumente estudada no contexto da infidelidade, quer relativamente à definição, quer à incidência e prevalência destes comportamentos (Mark et al., 2011). Do ponto de vista da incidência e prevalência, existe evidência na literatura de que, durante o casamento, os homens parecem cometer mais atos de infidelidade do que as mulheres, aspeto transversal em várias culturas, com a prevalência destes comportamentos, nos homens, a variar entre os 21% e os 52% e, nas mulheres, a variar entre os 12% e os 29% (Kontula & Haavio-Mannila, 1995; Lewin, 2000; Træen & Stigum, 1998; Wiederman, 1997a). Adicionalmente, os homens expressam mais vontade de se envolverem em CED (e.g., Buunk & Bakker, 1995), uma procura mais ativa de um parceiro extra-conjugal e menos desaprovação no que diz respeito a estes comportamentos relativamente às mulheres (Allen et al., 2005).

Nas relações de namoro, vários estudos (e.g., Allen & Baucom, 2004; Hansen, 1987; Wiederman & Hurd, 1999) reportaram taxas de prevalência mais elevadas para os homens do que para as mulheres. Porém, estas taxas parecem declinar à medida que o contacto se torna mais íntimo fisicamente (McAnulty & Brineman, 2007). No estudo de Hansen (1987), mais de 65% dos homens e 39% das mulheres reportou beijar de forma erótica um parceiro extra-diádico, mas apenas 35% dos homens e cerca de 12% das mulheres

reportou ter tido relações sexuais extra-diádicas. Wiederman e Hurd (1999) apontaram que 68% dos homens e 61% das mulheres se envolveram em beijos românticos extra-diádicos. No entanto, relações sexuais e fazer e receber sexo oral extra-diádicos foram levados a cabo por apenas aproximadamente metade dos homens e um terço das mulheres da amostra.

Também na modalidade *online*, as diferenças de gênero parecem assumir especial relevância. Vários estudos sugerem que o gênero masculino é o que mais tende a envolver-se em relações românticas mediadas pelo computador (e.g., Cooper, Delmonico, & Burg, 2000; Wysocki, 1998). Em alguns estudos mais recentes, as mulheres, comparativamente aos homens, tenderam a conceptualizar uma variedade mais ampla de comportamentos *online* como infidelidade (Whitty, 2003).

As diferenças de gênero parecem ser atenuadas quando a infidelidade é definida como abrangendo uma maior diversidade de comportamentos, em vez de apenas a relação sexual (Brand, Markey, Mills, & Hodges, 2007). Numa revisão recente da literatura Allen et al. (2005) mostraram que as diferenças de gênero estão a diminuir nas coortes sucessivamente mais jovens, ou seja, o “intervalo” entre os homens e mulheres, no que concerne à taxa de infidelidade, tem estreitado (e.g., Wiederman, 1997a). Por exemplo, num estudo recente conduzido na Noruega, dos 2807 participantes (com idades compreendidas entre os 18 e os 49 anos) que já tinham sido casados ou coabitado, 29% dos homens e 23% das mulheres referiram ter experienciado relações sexuais extra-diádicas em algum ponto das suas vidas (Træen, Holmen, & Stigum, 2007).

A existência de dois tipos de infidelidade é um aspeto consensual: a *sexual* (i.e., envolvimento numa relação sexual com outra pessoa para além do parceiro) e a *emocional* (i.e., apaixonar-se por outra pessoa que não o parceiro primário; Miller & Maner, 2008). Alguns autores (e.g., Glass & Wright, 1985; Thompson, 1984) sugerem a existência de um tipo combinado de infidelidade (i.e., uma combinação entre o sexual e o emocional), que pode ser explorado num contínuo entre o envolvimento sexual e o envolvimento emocional, reforçando a ideia de que estes diferentes tipos de envolvimento não são mutuamente exclusivos (Blow & Hartnett, 2005b).

Também neste âmbito, se têm encontrado evidências de que homens e mulheres se distinguem. Por exemplo, Glass e Wright (1985) apontaram que os homens, mais provavelmente que as mulheres, têm casos apenas sexuais e as mulheres, mais que os homens, apenas emocionais. Por sua vez, o estudo de Banfiel e McCabe (2001) revelou que as mulheres mais provavelmente têm um envolvimento extra-conjugal emocional ou combinado do que apenas um envolvimento sexual. Neste estudo, apenas 1.8% das mulheres referiu um envolvimento sexual sem nenhum envolvimento emocional. Este estudo vai de encontro ao de Glass e Wright (1985), que reportou que apenas 4% das mulheres se envolveram numa relação sexual extra-conjugal na ausência de envolvimento emocional.

Outra variável demográfica muito estudada, que tem sido encontrada como um preditor ou correlato dos CED, diz respeito à **religiosidade** (Allen et al., 2005; Atkins et al., 2001; Buss & Shackelford, 1997; Mattingly,

Wilson, Clark, Bequette, & Weidler, 2010; Treas & Giesen, 2000). A infidelidade tem sido, consistentemente, mais reportada por indivíduos que não têm uma **afiliação religiosa** do que por aqueles que têm (Burdette, Ellison, Sherkat, & Gore, 2007; Forste & Tanfer, 1996), ainda que outros tenham mostrado resultados contraditórios. Por exemplo, Hansen (1987) conclui que a religiosidade (definida como a importância da religião para o indivíduo e a frequência de idas à igreja) não se encontrava correlacionada com a infidelidade para os homens, mas já se encontrava associada negativamente para as mulheres. Por sua vez, Liu (2000) referiu que tal correlação existe apenas para os homens, mas não para as mulheres. Já nos estudos de Mark, Janssen e Milhausen (2011) e de Wiederman e Hurd (1999), a religiosidade não se associou com o envolvimento extra-diádico. Alguns autores consideram que a religiosidade pode ter um efeito na probabilidade de envolvimento extra-diádico através da sua influência na felicidade da relação (Atkins et al., 2001) e através da exposição contínua a mensagens que condenam o envolvimento extra-conjugal (Liu, 2000). Neste contexto, a frequência de idas à igreja parece diminuir a probabilidade de divórcio, em parte, pela diminuição de uma variedade de problemas conjugais (Amato & Rogers, 1997).

Também o **nível de educação** tem recebido atenção na literatura sobre os CED. Embora um nível de educação elevado se encontre associado a atitudes mais liberais em relação à sexualidade e a atitudes de aceitação face à infidelidade (e.g., Forste & Tanfer, 1996), a relação entre a educação e a infidelidade real é menos clara (Allen et al., 2005). Enquanto alguns estudos encontraram maior probabilidade de infidelidade entre os indivíduos com um nível de educação superior (e.g., Atkins et al., 2001; Buunk, 1980), outros encontram resultados contrários (e.g., Choi, Catania, & Dolcini, 1994) ou nenhuma associação significativa (e.g., Træen et al., 2007). O impacto desta variável parece estar a ser moderado ou mediado por outros fatores, tal como acontece com outras variáveis demográficas (Allen et al., 2005; Mark et al., 2011).

#### História relacional: Experiências anteriores e duração da relação

No que diz respeito à história relacional prévia, McAlister, Pachana e Jackson (2005) verificaram que os participantes numa relação de namoro exclusiva que tinham experienciado intimidade sexual com um maior **número de parceiros sexuais**, também reportaram uma maior inclinação extra-diádica para ter sexo e beijar. Igualmente, nos estudos de Træen et al. (2007) e de Treas e Giesen (2000), um maior número de parceiros sexuais prévio mostrou-se um preditor significativo da ocorrência de relações sexuais extra-diádicas. Neste ponto de vista, tem sido bastante documentado que os homens têm significativamente mais parceiras sexuais casuais que as mulheres (Smith, 1992; Wiederman, 1997b). Por sua vez, as mulheres com quatro ou mais parceiros sexuais anteriores à relação primária têm uma maior probabilidade, relativamente às outras mulheres, de se envolver em infidelidade (Forste & Tanfer, 1996). Ainda a este respeito, Treas e Giesen (2000) argumentaram que é esperado que os indivíduos sexualmente mais

experientes tenham uma maior probabilidade de se envolverem em relações sexuais extra-diádicas, sobretudo devido à sua *vantagem aprendida* (“learned advantage”, p. 50), ou seja, uma experiência sexual vasta pode significar que o indivíduo possui mais competências no reconhecimento das oportunidades sexuais e no recrutamento de parceiros sexuais.

No entanto, para alguns indivíduos o número de parceiros sexuais pode estar fortemente associado com a **idade de início da atividade sexual** (McAlister, Pachana, & Jackson, 2005). De acordo com Reiss, Anderson e Sponaugle (1980, citado em McAlister et al., 2005), a tendência para a experimentação sexual reflete uma experiência sexual precoce. No geral, aqueles que têm a primeira relação sexual mais precocemente envolvem-se com uma maior facilidade em relações sexuais com parceiros casuais (Grello, Welsh, & Harper, 2006). Porém, no estudo de McAlister et al. (2005), a idade do primeiro encontro sexual não se correlacionou significativamente com a inclinação extra-diádica.

A investigação sobre a infidelidade no namoro não tem avaliado especificamente a **duração da relação** como preditor dos CED (McAlister et al., 2005). Um estudo, com uma amostra de indivíduos da comunidade universitária, revelou que as fantasias sobre o envolvimento sexual extra-diádico se associaram positiva e significativamente com a duração da relação (Hicks & Leitenberg, 2001). Este resultado está na linha do já documentado em estudos com indivíduos casados ou a coabitar, cujas relações mais longas se associaram com uma maior probabilidade de infidelidade (Traeen et al., 2007; Traeen & Stigum, 1998). Este resultado pode ser explicado em termos de habituação, isto é, a probabilidade de infidelidade aumentaria ao longo do tempo devido à diminuição dos benefícios conjugais (e.g., redução da frequência de relações sexuais; Treas & Giensen, 2000). Estes resultados podem providenciar, neste sentido, um racional para estudar a duração da relação como um preditor da infidelidade no namoro. Porém, estes efeitos da duração da relação não são necessariamente esperados a operar na mesma direção da dos indivíduos casados (McAlister et al., 2005). A aplicação desta hipótese de habituação aos casais casados é plausível, uma vez que a investigação tem revelado que a frequência das relações sexuais declina com a duração do casamento (Call, Sprecher, & Schwartz, 1995). Todavia, não se sabe se a frequência de relações sexuais diminui, de forma consistente ao longo do tempo nas relações de namoro. Adicionalmente, é provável que durante o namoro as relações se tornem de maior compromisso e intimidade à medida que o tempo passa, levando à diminuição da probabilidade de envolvimento extra-diádico. De facto, no estudo de McAlister et al. (2005), com uma amostra de estudantes numa relação de namoro, a duração da relação não se revelou um preditor significativo da inclinação extra-diádica nem para beijar nem para ter sexo.

Na análise por género, entre as mulheres, as relações primárias mais longas parecem ter uma associação maior à infidelidade do que as relações mais curtas, observando-se este resultado para as mulheres casadas, a coabitar e a namorar (Forste & Tanfer, 1996). Hansen (1987) não encontrou esta associação entre as mulheres a namorar. Para os homens casados, em



contraste, as relações longas correlacionam-se com uma menor probabilidade de infidelidade, mas alcançam um ponto crítico no décimo oitavo ano de casamento, momento a partir do qual a probabilidade de infidelidade começa a aumentar (Liu, 2000). Por sua vez, para os homens a namorar, quanto mais longo o tempo de namoro, maior a probabilidade de se envolverem em atividades sexuais com outra pessoa (Hansen, 1987).

Também a **história relacional dos pais** tem sido alvo de atenção. De facto, parece existir um risco aumentado de envolvimento extra-diádico para os indivíduos cujos pais se envolveram em infidelidade (Amato & Rogers, 1997; Platt, Nalbone, Casanova, & Wetchler, 2008). Num estudo mais recente com casais heterossexuais (Havlicek et al., 2011), os autores verificaram que entre os homens, a existência de história prévia de infidelidade do pai se mostrou associada a maior infidelidade e intenções neste sentido, ao passo que entre as mulheres não se observou qualquer associação com significação estatística.

Por último, no que concerne à **história prévia de infidelidade**, tem sido mostrado que os indivíduos com comportamentos prévios de infidelidade aprovam mais facilmente as relações extra-diádicas do que aqueles que não os tiveram (Thompson, 1984; Wiederman, 1997a), ainda que poucos estudos se tenham debruçado sobre esta variável. Por exemplo, o estudo de Banfield e McCabe (2001), com uma amostra de 112 mulheres, encontrou que o envolvimento extra-diádico passado foi um forte preditor do envolvimento extra-diádico futuro. Por sua vez, Wiederman e Hurd (1999) encontraram que os participantes que se tinham envolvido em CED sexuais uma vez foram mais prováveis de se envolver novamente.

#### Variáveis interpessoais: Satisfação relacional e sexual

Entre as variáveis interpessoais, a satisfação relacional e a satisfação sexual têm recebido especial atenção no contexto dos CED (Havlicek et al., 2011). Por exemplo, e de acordo com modelo de investimento de Rusbult (1980, 1983), a satisfação é frequentemente conceptualizada como o grau em que uma pessoa percebe a relação como gratificante. Geralmente, os indivíduos estão mais satisfeitos quando as relações providenciam maiores recompensas (e.g., gratificação sexual) e menores custos (e.g., conflitos infrequentes; Impett, Beals, & Peplau, 2001/2002).

De facto, em diversos estudos a reduzida satisfação relacional e sexual com o parceiro primário mostrou-se associada a maior motivação para o envolvimento em CED (Banfield & McCabe, 2001; Bui, Peplau, & Hill, 1996; Buss & Shackelford, 1997; Traeen & Stigum, 1998; Treas & Giesen, 2000). A baixa satisfação com a relação, para além de ser um dos motivos mais citados para a ocorrência de CED (e.g., Roscoe et al., 1988), tem consistentemente demonstrado significância estatística na predição de envolvimento extra-diádico (McAlister et al., 2005). Aplicando o modelo de investimento de Rusbult (1980, 1983), num estudo com uma amostra de estudantes universitários heterossexuais, a baixa satisfação com a relação explicou cerca de 18.5% da variância numa medida dos atos recentes de comportamentos físicos íntimos envolvendo um parceiro extra-diádico

(Drigotas, Safstrom, & Gentilia, 1999). No entanto, enquanto a relação entre os CED e a satisfação relacional parece ser particularmente importante para as mulheres (e.g., Glass & Wright, 1985), a insatisfação sexual parece estar mais relacionada com os CED nos homens (e.g., Liu, 2000; Mark et al., 2011).

#### O presente estudo

Face ao exposto, este estudo tem como principal objetivo avaliar os motivos que os indivíduos com história de infidelidade apresentam para a ocorrência deste comportamento, avaliar a prevalência dos CED e possíveis correlatos (sociodemográficos, relativos à história relacional e interpessoais – satisfação relacional e satisfação sexual) do envolvimento extra-diádico durante a relação de namoro, nas modalidades *offline* (i.e., CED presenciais) e *online* (i.e., CED mediados pelo computador), averiguando ainda as diferenças de género, quer na ocorrência destes comportamentos quer nos seus correlatos. De acordo com a revisão da literatura, foi possível formular as seguintes hipóteses: **H1**: Entre os participantes que reportaram infidelidade prévia, são esperadas diferenças entre os homens e as mulheres, no que toca aos motivos apresentados para a infidelidade; **H2**: A prevalência dos CED, tanto na modalidade *offline* como na *online*, será mais elevada nos homens que nas mulheres; **H3**: Espera-se que os homens, mais que as mulheres, apresentem um maior envolvimento em CED sexuais, tanto na modalidade *offline* como na *online*; **H4**: Ter afiliação religiosa e a religiosidade (definida em termos da importância da religião na vida e nas decisões que toma na sua vida) estarão negativamente correlacionadas com o envolvimento em CED; **H5**: O nível de educação não estará significativamente correlacionado com o com o envolvimento em CED; **H6**: O número de parceiros sexuais prévio estará positivamente correlacionado com o envolvimento em CED; **H7**: A idade de início da atividade sexual estará positivamente correlacionada com o envolvimento em CED; **H8**: A duração da relação estará positivamente correlacionada com o envolvimento em CED; **H9**: A história prévia de infidelidade dos pais estará positivamente correlacionada com o envolvimento em CED; **H10**: A existência de história prévia de infidelidade do participante estará positivamente correlacionada com o envolvimento em CED; **H11**: Uma maior satisfação com a relação (relacional e sexual) estará negativamente correlacionada com o envolvimento em CED.

#### Método

##### Participantes

A amostra final do presente estudo foi composta por 494 participantes. Em termos de critérios de inclusão, definiu-se que os participantes tinham de ter a idade mínima de 18 anos, ser heterossexuais e estar numa relação de namoro exclusiva há pelo menos três meses. No total, responderam 1158 participantes ao protocolo de avaliação. Foram excluídos das análises 205 participantes que referiram não namorar, cinco participantes com idade

inferior a 18 anos, seis participantes que reportaram outra orientação sexual, 82 participantes que reportaram ter uma relação aberta e 366 participantes que não preencheram completamente a bateria de avaliação.

A amostra foi composta por 156 homens e 338 mulheres com uma idade média de 23.38 anos ( $DP = 3.41$ ; amplitude: 18-43 anos). A maioria dos participantes frequentava o ensino superior (36.5% dos homens e 49.1% das mulheres) e residia no meio urbano (72.9% dos homens e 71% das mulheres). Quanto à religião, a maioria era católica (62.2% dos homens e 68.9% das mulheres) não praticante (79.8% dos homens e 59.1% das mulheres). No momento da participação no estudo, os homens namoravam, em média, há aproximadamente 31 meses e as mulheres há cerca de 37 meses. O Quadro 1 sumaria as características sociodemográficas da amostra final.

**Quadro 1. Características sociodemográficas da amostra (N = 494)**

	Homens (n = 156)		Mulheres (n = 338)		$\chi^2$	V de Cramer
	n	%	n	%		
<b>Educação</b>					36.48***	.27
9º ano	7	(4.5)	1	(3.0)		
Ensino secundário	49	(31.4)	47	(13.9)		
Frequentar ES	57	(36.5)	166	(49.1)		
Licenciatura	24	(15.4)	54	(16.0)		
Mestrado/Doutoramento	19	(12.2)	70	(20.7)		
<b>Residência</b>					0.18	.19
Urbano	113	(72.9)	238	(71.0)		
Rural	42	(27.1)	97	(29.0)		
<b>Religião</b>					3.92	.89
Nenhuma	57	(36.5)	96	(28.4)		
Católica	97	(62.2)	233	(68.9)		
Outra	2	(1.3)	9	(2.7)		
<b>Praticante (n = 341)</b>					13.26***	.20
Não	79	(79.8)	143	(59.1)		
Sim	20	(20.2)	99	(40.9)		
	<b>M (DP)</b>		<b>M (DP)</b>		<b>t</b>	<b>d</b>
<b>Idade (anos)</b>	23.76 (3.23)		23.20 (3.48)		1.70	.17
<b>Duração do namoro (meses)</b>	30.60 (21.84)		36.87 (27.09)		-2.74**	.25
<b>Religiosidade (n = 340)</b>						
<b>Importância</b>	4.49 (2.65)		5.35 (2.34)		-2.94**	.34
<b>Decisões</b>	3.84 (2.55)		4.40 (2.45)		-1.89*	.22

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$ .

A análise comparativa das variáveis sociodemográficas revelou que os homens e as mulheres se distinguiam significativamente em termos de habilitações literárias, no tempo de namoro, na prática religiosa, bem como na importância da religião na vida e na tomada de decisões. Concretamente, os homens apresentavam menores habilitações, namoravam há menos tempo, referiram não ser praticantes da sua religião, bem como reportavam

menor importância da religião na vida e na tomada de decisões (cf. Quadro 1). Não foram encontradas diferenças significativas entre os homens e as mulheres ao nível da idade, da residência e da religião.

#### Instrumentos

No presente estudo foi utilizada uma bateria de avaliação constituída por uma ficha de dados sociodemográficos e de questões relativas à história sexual, relacional e familiar, e pelos dois instrumentos de auto-resposta que descrevemos em seguida.

A ficha de dados sociodemográficos e de questões relativas à história sexual, relacional e familiar incluía uma primeira parte incidindo sobre os dados sociodemográficos (e.g., género; idade; duração da relação de namoro; habilitações literárias; religião); e uma segunda parte com questões acerca das suas experiências relacionais (e.g., idade com que iniciou a vida sexual; número de namoros ou parceiros sexuais; aspetos relativos a história prévia de infidelidade e motivos apresentados para a sua origem; situação relacional dos pais e grau de conhecimento de infidelidade parental).

**Inventário de Comportamentos Extra-Diádicos (ICED)** – *Extra-dyadic Behaviors Inventory* (Luo et al., 2010; Versão Portuguesa (VP): Pereira et al., em estudo). O ICED consiste num inventário de auto-resposta, que inclui 23 itens para avaliar os comportamentos extra-diádicos na modalidade presencial ou cara-a-cara (*offline*) e 13 itens para avaliar os comportamentos extra-diádicos mediados pelo computador (*online*). Os sujeitos devem reportar a frequência com que se envolveram em cada um dos comportamentos descritos, com alguém do sexo oposto, durante a sua relação atual. Neste questionário foi adotada a escala de cinco pontos de Wiederman e Hurd (1999): 1 - *Não tive este comportamento porque não quis*; 2 - *Não tive este comportamento porque não houve oportunidade*; 3 - *Tive este comportamento apenas uma vez*; 4 - *Tive este comportamento mais do que uma vez com a mesma pessoa*; e 5 - *Tive este comportamento com diferentes pessoas*. Os estudos da versão Portuguesa deste inventário encontram-se em curso.

**Medida Global da Satisfação Relacional e Sexual** (Lawrance & Byers, 1998; VP: Pascoal & Narciso, 2006). A Medida Global da Satisfação Relacional (MGSRL), no original em inglês *Global Measure of Relationship Satisfaction* (GMREL), é uma subescala da escala de Satisfação Sexual, baseada no modelo de troca interpessoal de Lawrance e Byers (1988). Nesta medida, é solicitado aos participantes para classificarem o seu relacionamento global respondendo à questão: “Em geral, como descreveria a sua satisfação global com o(a) seu(sua) companheiro(a)?”. Os indivíduos avaliam o seu relacionamento através de cinco escalas bipolares de sete pontos: Muito boa – Muito má; Muito agradável – Muito desagradável; Muito positiva – Muito negativa; Muito satisfatória – Muito insatisfatória; e Muito importante – Nada importante, com 1 indicando insatisfação (reforço

do pólo negativo) e 7 indicando satisfação (reforço do pólo positivo). Na Medida Global de Satisfação Sexual (MGSS), *Global Measure of Sexual Satisfaction* (GMSEX), os participantes são solicitados a responder à questão “Na globalidade, como descreveria a sua relação sexual com o(a) seu(sua) companheiro(a)?”, devendo classificar o seu relacionamento de acordo com os cinco pares de adjetivos bipolares acima mencionados. Os resultados totais, em ambas as escalas, podem oscilar entre os 5 e os 35 pontos, sendo que resultados elevados indicam uma maior satisfação. No presente estudo, o valor do alfa de Cronbach da MGRS foi de .92 para os sexos masculino e feminino. A consistência interna da MGSS foi de .91 para o sexo masculino e de .94 para o sexo feminino.

#### Procedimentos

Os participantes desta investigação foram recrutados através de dois métodos: em contexto comunitário ( $n = 174$ ) e através de um questionário *online* ( $n = 320$ ).

Relativamente ao primeiro método, procedeu-se a um contacto com os indivíduos em diferentes espaços exteriores das faculdades da Universidade de Coimbra. Aos participantes foram apresentados os objetivos do estudo, bem como alguns procedimentos gerais. A confidencialidade dos dados e garantia do anonimato das respostas aos questionários encontrava-se descrita no consentimento informado e foi também reforçada verbalmente pelo investigador. A todos os participantes foi entregue um envelope, no qual deveriam colocar os questionários após preenchimento e depois selar. Foi, igualmente, explicado aos participantes que não necessitavam de preencher o questionário *online*, uma vez respondido em suporte papel.

Simultaneamente, procedeu-se à recolha de dados através de um questionário *online*, alojado no *site* da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Foi ainda criada uma página na rede social Facebook relativa a este estudo, onde se encontravam brevemente explicados os objetivos do estudo, os critérios de inclusão, assim como o papel dos participantes e dos investigadores. A aplicação das considerações éticas internacionais, particularmente no que diz respeito à confidencialidade da informação recolhida e garantia do anonimato das respostas constavam também na página introdutória. Na mesma página era divulgado o *link* que direcionava para o endereço onde constava o protocolo de avaliação.

#### Análises estatísticas

O tratamento estatístico dos dados foi realizado através do software estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS – versão 17.0). Para efeitos de análise estatística, utilizámos diferentes testes, selecionados em função das análises e das características das variáveis consideradas.

Recorremos ao teste do Qui-Quadrado para comparação de dados categoriais e ao teste *t* de Student para comparação, por género, nas variáveis de natureza contínua. Para a associação das variáveis contínuas recorreremos aos coeficientes de correlação de Pearson. Por fim, e separadamente para o

género masculino e feminino, recorremos à análise da Regressão Linear Múltipla (método *enter*) para identificar que variáveis sociodemográficas, variáveis relativas à história relacional e sexual e medidas de satisfação relacional e sexual se associam aos CED. Nesta análise no primeiro passo incluíram-se as variáveis sociodemográficas e relativas à história relacional e sexual dos participantes com um valor de  $p < .20$  nas análises univariadas; no segundo passo incluíram-se os resultados das medidas globais de satisfação relacional e sexual.

Em todas as análises efetuadas, um nível de significância de  $p < .05$  foi considerado como indicador de diferenças estatisticamente significativas. A magnitude dos efeitos foi analisada através do  $d$  de Cohen (variáveis contínuas) e o  $V$  de Cramer (variáveis categoriais), adotando as convenções seguintes: efeito pequeno:  $d$  de Cohen  $\geq .20$ ,  $V$  de Cramer  $\geq .01$ ; efeito médio:  $d$  de Cohen  $\geq .50$ ,  $V$  de Cramer  $\geq .03$ ; efeito grande:  $d$  de Cohen  $\geq .80$ ,  $V$  de Cramer  $\geq .05$  (Cohen, 1992).

### Resultados

A secção dos resultados encontra-se dividida em quatro secções, de acordo com os objetivos enunciados. Assim, num primeiro ponto será exposta a caracterização da história sexual e relacional dos participantes, incluindo a história prévia de infidelidade do próprio e do parceiro, bem como história prévia de infidelidade parental. Num segundo ponto, serão referidos os resultados que dizem respeito aos motivos para a infidelidade prévia. Num terceiro ponto, serão apresentados os resultados relativos às taxas de prevalência observadas para os CED *offline* e *online* e, por fim, num quarto ponto, serão apresentadas as principais variáveis associadas aos CED. De acordo com o definido no objetivo do estudo, em todas as análises serão tidas em conta as diferenças de género.

#### Caracterização da história sexual e relacional

Pela leitura do Quadro 2, pode observar-se a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os géneros no que respeita ao número de namoros ao longo da vida ( $p < .001$ ), ao número de namoros nos últimos dois anos ( $p < .05$ ) e ao número de parceiros sexuais nos últimos dois anos ( $p < .001$ ), quando se exclui a relação atual. Enquanto a maioria dos homens teve três ou mais namoros ao longo da vida (44.3%), a maioria das mulheres teve entre um e dois (29%) namoros (55%). A maioria dos homens (73.7%) e das mulheres (78.1%) não teve nenhum namoro nos últimos dois anos; apenas 2.7% das mulheres teve dois ou mais namoros nos últimos dois anos, enquanto que nos homens essa percentagem foi de 9%. Por sua vez, no que respeita ao número de parceiros sexuais nos últimos dois anos, a maioria dos homens (62.2%) e das mulheres (68%) não tiveram nenhum parceiro sexual, porém, mais homens do que mulheres (10.9% vs. 1.2%) tiveram quatro ou mais parceiros sexuais nos últimos dois anos.

Relativamente à idade de início da vida sexual pode verificar-se que homens e mulheres iniciaram a vida sexual pelos 17-18 anos, no entanto, esta diferença não foi estatisticamente significativa.

Por último, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos relativamente à história prévia de infidelidade por parte do parceiro ( $p < .05$ ). A maioria dos homens (69.5%) e mulheres (60.1%) afirmaram que o parceiro não foi infiel, porém, a percentagem que responde afirmativamente é mais elevada nas mulheres. Já em relação à infidelidade do próprio participante em relações anteriores, não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre os géneros, sendo as percentagens de respostas afirmativas e negativas muito semelhantes.

**Quadro 2. História sexual e relacional da amostra (N = 494)**

	Homens		Mulheres		$\chi^2$	V de Cramer
	n	%	n	%		
<b>Nº de namoros ao longo da vida<sup>a</sup></b>					22.75***	.22
0	26	(16.7)	44	(13.0)		
1	30	(19.2)	88	(26.0)		
2	31	(19.9)	98	(29.0)		
3	21	(13.5)	60	(17.8)		
4 ou mais	48	(30.8)	48	(14.2)		
<b>Nº de namoros nos últimos 2 anos<sup>a</sup></b>					12.11*	.16
0	115	(73.7)	264	(78.1)		
1	27	(17.3)	65	(19.2)		
2	9	(5.8)	7	(2.1)		
3	2	(1.3)	2	(0.6)		
4 ou mais	3	(1.9)	-	-		
<b>Nº de parceiros sexuais nos últimos 2 anos<sup>a</sup></b>					25.02***	.23
0	97	(62.2)	230	(68.0)		
1	23	(14.7)	61	(18.0)		
2	13	(8.3)	28	(8.3)		
3	6	(3.8)	15	(4.4)		
4 ou mais	17	(10.9)	4	(1.2)		
<b>O parceiro já foi infiel<sup>a</sup></b>					4.00*	.09
Não	105	(69.5)	200	(60.1)		
Sim	46	(30.5)	133	(39.9)		
<b>Já foi infiel ao parceiro<sup>a</sup></b>					2.23	.07
Não	107	(70.9)	254	(77.2)		
Sim	44	(29.1)	75	(22.8)		
	<b>M (DP)</b>		<b>M (DP)</b>		<b>t</b>	<b>d</b>
<b>Idade de início da vida sexual (anos)</b>	17.51 (2.44)		17.41 (2.70)		0.39	.04

<sup>a</sup> Excluindo a relação atual.

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$ .

Em relação à história prévia de infidelidade parental, pela leitura do Quadro 3 podemos observar que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos relativamente à existência de infidelidade por parte da mãe e do pai. A maioria dos homens (88.1%; 68.2%) e das mulheres (91.8%; 74.2%) afirmaram que a mãe e o pai, respetivamente, não foram infiéis, porém, em ambos os grupos a resposta de suspeita/certeza quanto à infidelidade foi mais elevada relativamente ao pai.

**Quadro 3. História prévia de infidelidade parental**

	Homens		Mulheres		$\chi^2$	V de Cramer
	n	%	n	%		
<b>Infidelidade da mãe</b>					1.58	.06
Não	126	(88.1)	291	(91.8)		
Suspeita que sim/Sim	17	(11.9)	26	(8.2)		
<b>Infidelidade do pai</b>					1.88	.06
Não	103	(68.2)	245	(74.2)		
Suspeita que sim/Sim	48	(31.8)	85	(25.8)		

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$ .

#### Motivos para a infidelidade

Do total dos participantes, 119 (24.1%) referiram ter sido infiéis numa relação anterior, tendo assinalado um conjunto diverso de motivos (cf. Quadro 4). Nos homens, os motivos mais referidos foram a oportunidade que surgiu (50%) e o aborrecimento com a relação (45.5%), já entre as mulheres foi a infelicidade com a relação (54.7%). Registaram-se apenas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos no que diz respeito ao motivo infelicidade com a relação ( $p < .01$ ), mais referido pelas mulheres e ao motivo oportunidade ( $p < .01$ ), mais frequentemente reportado pelos homens.

**Quadro 4. Motivos para a infidelidade por género (n = 119)**

	Homens (%)	Mulheres (%)	$\chi^2$	V de Cramer
Infeliz com a relação	29.5	54.7	7.06**	.24
Aborrecido(a) com a relação	45.5	37.3	.76	.08
Oportunidade que surgiu	50.0	20.0	11.65**	.31
Infidelidade do(a) parceiro(a)	6.8	12.0	.82	.08
Falta de atração pelo(a) parceiro(a)	6.8	14.7	1.65	.12
Falta de sexo / Interesse sexual do parceiro	20.5	9.3	2.95	.16
Queria terminar a relação	13.6	18.7	.50	.07
Nenhuma razão aparente	20.5	10.7	2.17	.14

Nota. As percentagens não somam 100, uma vez que os participantes podiam escolher motivos múltiplos.

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$ .

#### Prevalência de comportamentos extra-diádicos

Os Quadros 5 e 6 mostram a percentagem de homens e mulheres que se envolveram em cada CED, nas modalidades *offline* e *online* e os testes de Qui-Quadrado das diferenças de género nas distribuições de frequência. De forma a simplificar a apresentação dos resultados, as cinco categorias iniciais foram agrupadas em três categorias principais: nunca ocorreram CED na relação atual (categorias 1 e 2); ocorreram CED apenas uma vez (categoria 3); e ocorreram CED várias vezes (categorias 4 e 5).

Pela leitura do Quadro 5, referente aos CED presenciais, podemos observar a existência de uma grande variabilidade na taxa de incidência dos



CED. Para os 23 CED, a taxa de incidência para os homens variou entre 7% (sexo anal) e 42.3% (queixas sobre o parceiro/relação). Já para as mulheres, a taxa variou entre 1.5% (masturbou-se na presença da outra pessoa) e 40.5% (queixas sobre o parceiro/relação). A análise comparativa revelou a existência de diferenças de gênero estatisticamente significativas em 16 dos 23 CED *offline*. No total, 35.6% dos homens e 43.5% das mulheres referiram nunca se terem envolvido em nenhum dos CED presenciais durante a atual relação,  $\chi^2_{(1)} = 2.13$ ,  $p = .145$ ,  $V$  de Cramer = .07.

**Quadro 5. Percentagens observadas para os CED *offline* e diferenças de gênero (N = 494)**

Comportamento	Homens			Mulheres			$\chi^2$	V de Cramer
	Nunca	Uma	Várias	Nunca	Uma	Várias		
1. Partilhou pormenores íntimos	65.4	6.4	28.2	82.7	5.6	12.7	18.34***	.19
2. Queixas sobre o parceiro/relação	57.7	10.9	31.4	59.5	7.1	33.4	2.04	.06
3. <i>Flirting</i>	71.2	20.5	20.5	78.7	13.9	13.9	3.83	.09
4. Foi a um encontro romântico	84.6	3.2	12.2	92.3	3.3	4.4	10.00**	.14
5. Beijo nos lábios	80.1	3.8	16.0	88.2	5.3	6.5	11.45**	.15
6. Manteve alguém em segredo	86.5	5.1	8.3	91.4	5.9	2.7	8.11*	.13
7. Ligação emocional profunda	84.6	6.4	9.0	89.9	4.7	5.3	3.11	.21
8. Encontro para beber um copo	78.8	10.9	10.3	82.8	10.1	7.1	1.59	.06
9. Passou tempo com alguém	82.1	6.4	11.5	83.2	7.7	8.6	1.26	.05
10. Beijo profundo	80.8	3.2	16.0	89.6	3.8	6.5	11.25**	.15
11. Sentiu-se apaixonado(a)	80.1	6.4	13.5	79.9	8.6	11.5	.96	.04
12. Deu estimulação (não genital)	79.5	2.6	17.9	92.9	1.8	5.3	20.76***	.21
13. Recebeu estimulação (não genital)	80.8	3.8	15.4	92.0	2.7	5.3	14.72**	.17
14. Deu estimulação (genital)	82.7	3.2	14.1	93.2	1.8	5.0	13.42**	.17
15. Recebeu estimulação (genital)	82.1	2.6	15.4	93.5	1.5	5.0	16.03***	.18
16. Realizou sexo oral	87.2	2.6	10.3	95.0	0.6	4.4	9.88**	.14
17. Recebeu sexo oral	85.9	0.6	13.5	94.7	1.2	4.1	14.29**	.17
18. Sexo vaginal	84.6	1.9	13.5	93.5	1.8	4.7	11.80**	.16
19. Sexo anal	92.9	0.6	6.4	97.3	0.3	2.4	5.32	.10
20. Masturbou-se na presença da outra pessoa	91.0	3.8	5.1	98.5	0.0	1.5	19.02***	.20
21. Conversa provocadora	87.2	3.8	9.0	97.6	0.9	1.5	21.95***	.21
22. Partilhou fotos sexuais	92.3	2.6	5.1	97.6	0.9	1.5	7.83*	.13
23. Teve um parceiro de “reserva”	87.2	8.3	4.5	95.6	1.5	3.0	15.29***	.18

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$ .

Relativamente aos 13 CED *online*, a percentagem no sexo masculino variou entre 5.7% (teve um parceiro de “reserva”) e 34.6% (queixas sobre o parceiro/relação). Para as mulheres, a percentagem variou entre 0.6% (visitou um *site* de encontros) e 27.2% (queixas sobre o parceiro/relação). A análise comparativa revelou a existência de diferenças significativas em 8 dos 13 CED (cf. Quadro 6). No cômputo geral, 53.8% e 60.7% dos homens e mulheres, respetivamente, referiram nunca se terem envolvido em nenhum dos CED *online* durante a atual relação,  $\chi^2_{(1)} = 2.04$ ,  $p = .154$ ,  $V$  de Cramer = .06.

Quadro 6. Percentagens observadas para os CED *online* e diferenças de género ( $N = 494$ )

Comportamento	Homens			Mulheres			$\chi^2$	V de Cramer
	Nunca	Uma	Várias	Nunca	Uma	Várias		
1. Partilhou pormenores íntimos	70.5	3.8	25.6	87.6	3.8	8.6	26.02***	.23
2. Queixas sobre o parceiro/relação	65.4	9.0	25.6	72.8	6.8	20.4	2.82	.08
3. <i>Flirting</i>	75.0	5.1	19.9	86.4	4.7	8.9	12.16**	.16
4. Manteve alguém em segredo	84.6	4.5	10.9	91.7	3.6	4.7	6.92*	.12
5. Sentiu uma ligação emocional profunda	89.7	2.6	7.7	91.7	3.8	4.4	2.62	.07
6. Visitou um <i>site</i> de encontros	92.3	3.2	4.5	99.4	0.3	0.3	19.57***	.20
7. Passou imenso tempo <i>online</i> /telefone	83.3	3.2	13.5	89.1	3.3	7.7	4.14	.09
8. Sexo pelo telefone	91.7	1.9	6.4	97.9	0.6	1.5	10.85**	.15
9. Sentiu-se apaixonado(a)	91.0	2.6	6.4	93.5	3.0	3.6	2.09	.07
10. Masturbou-se <i>online</i> /conversa telefónica	89.1	4.5	6.4	97.3	1.2	1.5	14.54**	.17
11. Partilhou fotos sexuais provocadoras	91.0	2.6	6.4	97.0	0.6	2.4	8.61*	.13
12. Cibersexo	89.7	3.8	6.4	97.6	0.3	2.1	16.03***	.18
13. Teve um parceiro de "reserva"	94.2	1.9	3.8	96.4	1.2	2.4	1.29	.05

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$ .

#### Associação entre variáveis em estudo e os CED

Entre os participantes do sexo masculino, as variáveis idade, religiosidade, nível de educação, idade de início da vida sexual e duração da relação atual não se correlacionaram significativamente com o total de CED *offline* e *online*. No que diz respeito às medidas de satisfação, verificou-se que a satisfação relacional apresentou uma correlação negativa, estatisticamente significativa, com os CED *offline* ( $r = -.41$ ,  $p < .001$ ) e *online* ( $r = -.47$ ,  $p < .001$ ) e que a satisfação sexual apresentou uma correlação negativa, também estatisticamente significativa, com os CED *offline* ( $r = -.23$ ,  $p < .01$ ) e *online* ( $r = -.25$ ,  $p < .01$ ).

No que concerne às variáveis relativas à história relacional e sexual, os homens que tiveram alguma parceira sexual nos últimos dois anos (excluindo a relação atual) revelaram um resultado médio significativamente mais elevado na modalidade *offline* ( $M = 13.54$ ,  $DP = 18.98$ ),  $t_{(79,210)} = -2.93$ ,  $p < .01$ , do que aqueles que não tiveram nenhuma parceira ( $M = 5.67$ ,  $DP = 10.32$ ), não sendo significativa a diferença nos CED *online*. Adicionalmente, os homens que mencionaram ter sido infiéis à(s) sua(s) parceira(s), em relações anteriores, apresentaram um resultado médio de CED significativamente mais elevado, do que aqueles que não mencionaram ter sido, tanto na modalidade *offline* ( $M = 16.45$ ,  $DP = 20.03$  vs.  $M = 5.82$ ,  $DP = 10.76$ ),  $t_{(53,511)} = -3.33$ ,  $p < .01$ , como na *online* ( $M = 7.48$ ,  $DP = 10.08$  vs.  $M = 2.48$ ,  $DP = 5.25$ ),  $t_{(52,878)} = -2.98$ ,  $p < .01$ .

Não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos no que toca à residência, à religião, ao número de namoros ao longo da vida, à infidelidade por parte da(s) parceira(s), em relações anteriores, e à infidelidade da mãe e do pai, em ambas as modalidades.

No que diz respeito ao género feminino, as variáveis idade, nível de educação, religiosidade, idade de início da vida sexual e duração da relação atual não se correlacionaram significativamente com o total de CED tanto

*offline* como *online*. Em relação às medidas de satisfação, observou-se que a satisfação relacional apresentou uma correlação negativa, estatisticamente significativa, com os CED *offline* ( $r = -.17, p < .01$ ) e *online* ( $r = -.27, p < .001$ ) e que a satisfação sexual apresentou uma correlação negativa e estatisticamente significativa apenas com os CED *online* ( $r = -.15, p < .01$ ).

No que toca às variáveis relacionadas com a história relacional e sexual, as mulheres que tiveram três ou mais namoros ao longo da sua vida (excluindo a relação atual) revelaram um resultado médio significativamente mais elevado na modalidade *offline* ( $M = 6.08, DP = 11.72$ ),  $t_{(142,411)} = -2.00, p < .05$ , do que aquelas que tiveram apenas um ou dois namoros ( $M = 3.65, DP = 6.85$ ), não sendo significativa a diferença em relação aos CED *online*. Adicionalmente, as mulheres que tiveram algum parceiro sexual nos últimos dois anos (excluindo a relação atual) apresentaram um resultado médio significativamente mais elevado na modalidade *offline* ( $M = 6.97, DP = 12.96$ ),  $t_{(125,274)} = -2.88, p < .01$ , do que aquelas que não tiveram nenhum parceiro ( $M = 3.23, DP = 5.48$ ), não sendo significativa a diferença nos CED *online*. As mulheres que referiram ter sido infiéis em relações anteriores apresentaram um resultado médio de CED significativamente mais elevado, do que aquelas que não referiam ter sido, tanto na modalidades *offline* ( $M = 8.49, DP = 13.71$  vs.  $M = 3.32, DP = 6.39$ ),  $t_{(83,687)} = -3.17, p < .01$ , como na *online* ( $M = 3.32, DP = 5.08$  vs.  $M = 1.49, DP = 2.94$ ),  $t_{(89,095)} = -2.98, p < .01$ .

Por fim, e em ambas as modalidades de CED, não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos relativamente à residência, à religião, à infidelidade por parte do(s) parceiro(s) em relações anteriores, e à infidelidade da mãe e do pai.

#### Análises multivariadas: Modelos de regressão múltipla

No sentido de identificar que variáveis sociodemográficas, variáveis relativas à história relacional e sexual e medidas de satisfação relacional e sexual se associam aos CED, nos modelos de regressão foram incluídas as variáveis que nas análises univariadas apresentaram um valor de  $p < .20$ . Os resultados, separadamente para o sexo masculino e feminino encontram-se nos Quadros 7 e 8, respetivamente.

No que respeita ao sexo masculino, quanto ao envolvimento em CED *offline*, verificou-se que as variáveis número de parceiros nos últimos dois anos e história prévia de infidelidade foram variáveis significativas, explicando 14.4% da variância. Quando adicionadas as variáveis relativas à satisfação relacional e sexual, apenas a história prévia de infidelidade se manteve significativa e a satisfação relacional explicou 12.1% da variância adicional. No total, já ter sido infiel a uma parceira e uma menor satisfação com a atual relação encontraram-se associadas a maior envolvimento em CED *offline*, explicando 26.6% da variância total (cf. Quadro 7).

Relativamente ao envolvimento em CED *online*, observou-se que apenas a história prévia de infidelidade foi uma variável significativa, explicando 11.6% da variância. Quando adicionadas os indicadores de satisfação relacional e sexual, a história prévia de infidelidade manteve-se significativa e as variáveis religião, infidelidade do pai e satisfação com a

relação mostraram-se estatisticamente significativas, explicando 21.5% da variância adicional. No total, já ter sido infiel a uma parceira, pertencer à religião Católica, história de infidelidade paterna e menor satisfação com a relação atual mostraram-se associadas a maior envolvimento em CED *online*, explicando 33.1% da variância (cf. Quadro 7).

**Quadro 7. Regressão Múltipla Hierárquica das variáveis associadas ao envolvimento em CED – Sexo masculino**

	<i>B</i> (SE)	$\beta$	<i>t</i>	<i>F</i>	$\Delta R^2$
<b>CED <i>offline</i></b>					
Passo 1				7.98***	.144
Parceiros sexuais últimos 2 anos	5.44 (2.38)	.18	2.28*		
Infiel ao parceiro	8.35 (2.55)	.26	3.28**		
Infidelidade do pai	3.55 (2.40)	.12	1.48		
Passo 2				10.12***	.121
Parceiros sexuais últimos 2 anos	2.54 (2.32)	.09	1.09		
Infiel ao parceiro	6.81 (2.40)	.21	2.84**		
Infidelidade do pai	3.54 (2.24)	.12	1.56		
Satisfação relacional	-6.55 (1.68)	-.37	-3.90***		
Satisfação sexual	0.11 (1.39)	.01	0.08		
<b>CED <i>online</i></b>					
Passo 1				4.63**	.116
Religião	2.20 (1.17)	.15	1.88		
Parceiros sexuais últimos 2 anos	0.78 (1.19)	.05	0.66		
Infiel ao parceiro	3.84 (1.27)	.25	3.02**		
Infidelidade do pai	2.12 (1.21)	.14	1.75		
Passo 2				11.48***	.215
Religião	2.17 (1.03)	.15	2.11*		
Parceiros sexuais últimos 2 anos	-1.13 (1.08)	-.08	-1.05		
Infiel ao parceiro	2.85 (1.13)	.18	2.54*		
Infidelidade do pai	2.11 (1.06)	.14	1.98*		
Satisfação relacional	-4.36 (0.79)	-.51	-5.54***		
Satisfação sexual	0.22 (0.65)	.03	0.33		

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$ .

No que diz respeito ao sexo feminino, em relação ao envolvimento em CED *offline*, verificou-se que o número de parceiros nos últimos dois anos e a história prévia de infidelidade foram variáveis estatisticamente significativas, explicando 7.5% da variância total. Quando acrescentadas as variáveis satisfação relacional e satisfação sexual, as variáveis parceiros e história prévia mantiveram-se significativas. A satisfação relacional apenas foi marginalmente significativa ( $p = .059$ ). No total, um maior número de parceiros nos últimos dois anos e já ter sido infiel a um parceiro em relações anteriores encontraram-se associados a um maior envolvimento em CED *offline*, explicando 9.6% da variância total (cf. Quadro 8).

Relativamente ao envolvimento em CED *online*, observou-se, no primeiro passo, que apenas a história prévia de infidelidade foi uma variável significativa, explicando 6.8% da variância. Quando adicionadas as variáveis

de satisfação, a história prévia de infidelidade manteve-se significativa e a satisfação relacional explicou 5.3% da variância adicional. No total, já ter sido infiel a um parceiro e uma menor satisfação com a relação atual mostraram-se associadas a maior envolvimento em CED *online*, explicando 12.1% da variância (cf. Quadro 8).

**Quadro 8. Regressão Múltipla Hierárquica das variáveis associadas ao envolvimento em CED – Sexo feminino**

	<i>B</i> ( <i>SE</i> )	$\beta$	<i>t</i>	<i>F</i>	$\Delta R^2$
<b>CED <i>offline</i></b>					
Passo 1				6.48***	.075
Namoros ao longo da vida	1.17 (1.03)	.06	1.14		
Parceiros sexuais últimos 2 anos	2.18 (1.05)	.12	2.08*		
Infiel ao parceiro	3.56 (1.20)	.17	3.00**		
Infidelidade do pai	1.54 (1.07)	.08	1.45		
Passo 2				5.62***	.021
Namoros ao longo da vida	1.03 (1.02)	.06	1.01		
Parceiros sexuais últimos 2 anos	2.08 (1.05)	.11	1.98*		
Infiel ao parceiro	3.45 (1.19)	.17	2.91**		
Infidelidade do pai	1.16 (1.07)	.06	1.09		
Satisfação relacional	-1.53 (0.81)	-.13	-1.89		
Satisfação sexual	-.18 (0.63)	-.02	-0.28		
<b>CED <i>online</i></b>					
Passo 1				4.64***	.068
Namoros ao longo da vida	0.37 (0.44)	.05	0.84		
Parceiros sexuais últimos 2 anos	0.16 (0.44)	.02	0.36		
Infidelidade do parceiro	0.36 (0.41)	.05	0.88		
Infiel ao parceiro	1.73 (0.50)	.20	3.45**		
Infidelidade do pai	0.79 (0.45)	.10	1.76		
Passo 2				6.21***	.053
Namoros ao longo da vida	0.31 (0.43)	.04	0.72		
Parceiros sexuais últimos 2 anos	0.06 (0.44)	.01	0.15		
Infidelidade do parceiro	0.18 (0.40)	.02	0.44		
Infiel ao parceiro	1.66 (0.49)	.19	3.38**		
Infidelidade do pai	0.56 (0.44)	.07	1.27		
Satisfação relacional	-1.9 (0.34)	-.25	-3.53***		
Satisfação sexual	0.08 (0.26)	.02	0.29		

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$ .

### Discussão

O presente estudo tem como principais objetivos avaliar os motivos que os indivíduos com história de infidelidade apresentam para a ocorrência de CED, analisar a prevalência destes comportamentos e estudar os possíveis correlatos sociodemográficos, relativos à história relacional e interpessoais do envolvimento em CED, nas modalidades *offline* e *online*, durante a relação de namoro. Dado que a investigação nesta área, em particular com participantes numa relação de namoro é relativamente recente, e portanto

mais limitada, quando comparada, por exemplo, com a tem sido realizada com indivíduos casados, o presente estudo oferece um importante contributo para uma abordagem mais compreensiva da infidelidade no contexto de namoro.

Em relação aos motivos que os sujeitos com história de infidelidade apresentam para a ocorrência de CED, os mais referidos, entre os homens, foram o aparecimento de uma oportunidade, o aborrecimento com a relação e a infelicidade com a relação. Já entre as mulheres, os motivos mais apontados foram a infelicidade com a relação, o aborrecimento com a relação e o aparecimento de uma oportunidade. Estes resultados corroboram o que Brand et al. (2007) já tinham concluído no seu estudo, nomeadamente de que os homens e as mulheres dão justificações semelhantes para o envolvimento em CED. Note-se que a justificação mais reportada pelos homens se refere à oportunidade (50%), o que é consistente com a perspetiva evolucionária, nomeadamente com a teoria do investimento parental (Trivers, 1972), ou seja, os homens utilizam uma estratégia de quantidade, tendo relações com múltiplas parceiras, em vez de uma de qualidade. Já os dois principais motivos reportados pelas mulheres são consistentes com a explicação de que estas se envolvem em CED para encontrar um parceiro (a longo prazo) melhor do que o seu atual (Brand et al., 2007), especialmente um que a faça mais feliz. Por outras palavras, ao sexo feminino estaria associado o uso de uma estratégia de qualidade. Adicionalmente, os estudos de Barta e Kiene (2005) e de Roscoe et al. (1988) referem a insatisfação com a relação como um dos motivos mais frequentemente reportados, o que vai de encontro com os resultados obtidos no presente estudo, que para além de sugerirem o aborrecimento e a infelicidade com a relação como razões fundamentais, indicam que os homens e as mulheres que estão insatisfeitos com a relação têm uma maior probabilidade de se envolverem em CED.

Quanto à taxa de prevalência dos CED, observa-se que 63.5% dos homens e 56.5% das mulheres reportam envolver-se em CED *offline* durante a atual relação. Estas taxas aproximam-se das encontradas em outros estudos em contexto de namoro (e.g., Hansen, 1987). No entanto, as taxas de CED *offline* e *online* (46.2% nos homens e 39.3% entre as mulheres), comparativamente às obtidas no estudo de Luo, Cartun e Snider (2010), são relativamente mais baixas. Por sua vez, e tendo como referencial os estudos realizados com indivíduos casados (e.g., Kontula & Haavio-Mannila, 1995; Lewin, 2000), as taxas de prevalência observadas no presente estudo são mais elevadas, refletindo assim o menor grau de compromisso formal que caracteriza as relações de namoro (McAnulty & Brineman, 2007).

Relativamente às taxas de incidência dos CED específicos, verifica-se uma grande variabilidade, o que poderá estar relacionado com a medida utilizada (ICED), em si, bastante compreensiva deste construto. Porém, é importante que na interpretação dos resultados relativos à prevalência destes comportamentos, e de acordo com o apontado pelos autores originais (Luo et al., 2010), se tenha em consideração a definição do conceito, o espaço temporal em que decorrem e as idiosincrasias da amostra. Nesta linha, é importante também ter em atenção que, tal como referem McAnulty e

Brineman (2007), definições mais amplas tendem a alcançar estimativas mais elevadas. No presente estudo, as taxas de CED parecem declinar à medida que o contacto se torna mais íntimo, o que vai de encontro aos estudos prévios em contextos de namoro (e.g., Wiederman & Hurd, 1999). Por exemplo, no nosso estudo, enquanto 28.2% dos homens e 12.7% das mulheres partilhou pormenores íntimos, apenas 5.1% dos homens e 1.5% das mulheres se masturbou na presença de outra pessoa.

No que diz respeito às diferenças género, observa-se que apesar dos homens reportarem um total de CED maior do que aquele reportado pelas mulheres, tanto na modalidade *offline* como na *online*, durante a relação atual, as diferenças de género (dos resultados globais) não são significativas, ou seja, as mulheres reportam tantos CED como os homens, o que vai de encontro, por exemplo, aos resultados obtidos por Brand et al. (2007) e Thompson (1984). Tal como a literatura tem evidenciado (e.g., Wiederman, 1997a), nos últimos anos as diferenças de género parecem estar a diminuir. Por um lado, devido à grande diversidade e especificidade de comportamentos (tanto sexuais como não-sexuais) incluídos no nosso estudo. Por outro, devido aos possíveis efeitos relacionados com atitudes mais liberais face à sexualidade resultantes das mudanças sociais mais recentes (Havlicek et al., 2011). Com efeito, ao longo das últimas décadas, as mulheres têm mudado o seu comportamento sexual, mais do que os homens, nomeadamente, no que diz respeito às relações sexuais extra-diádicas (Traeen & Stigum, 1998; Wiederman, 1997a). Observe-se que a visão moderna da sexualidade da mulher enfatiza o interesse sexual, a assertividade e a satisfação (Hansen, 1987) e que aspetos como a virgindade já não são tão valorizados como anteriormente (Buss, Schackelford, Kirkpatrick, & Larsen, 2001).

Apesar das diferenças de género nos resultados globais não serem significativas, quando observamos cada comportamento isoladamente, pode verificar-se que os homens apresentam percentagens mais elevadas tanto nos CED sexuais como nos emocionais, em comparação com as mulheres. Por exemplo, quando observamos alguns CED sexuais na modalidade presencial (e.g., “recebeu estimulação genital”; “sexo vaginal”), verifica-se que os homens apresentam valores significativamente mais elevados que as mulheres, resultado que é consistente com a literatura (e.g., Glass & Wright, 1985). Na modalidade *offline*, uma possível explicação para esta observação pode estar relacionada com os riscos associados à atividade sexual (que envolve um contacto genital). Os homens podem conseguir controlar mais os riscos associados com a gravidez indesejada e com a contração de doenças sexualmente transmissíveis, uma vez que podem optar unilateralmente pelo uso do preservativo. Já as mulheres podem não se sentir confortáveis em abordar este aspeto com o parceiro sexual extra-diádico, uma vez que uso do preservativo necessita, normalmente, da cooperação dos homens (McAlister et al., 2005). Por sua vez, e consistente com outros estudos (Brand et al., 2007), nos CED em que não existe qualquer envolvimento sexual (e.g., “queixas sobre o parceiro/relação”; “flirting”; “encontro para beber um copo”; “passou tempo com alguém”) as diferenças entre os géneros não se mostram significativas. Na modalidade *online*, porém, as diferenças de

género necessitam de uma maior exploração futura, porque apesar de alguns estudos (e.g., Cooper et al., 2000; Wysocki, 1998) sugerirem que os homens são os que mais tendem a envolver-se em relações românticas mediadas pelo computador, do nosso conhecimento, apenas o estudo de Luo et al. (2010) apresentou taxas de CED *online* para homens e mulheres.

No que diz respeito às variáveis associadas ao envolvimento em CED, verifica-se que, entre os homens, a história de infidelidade prévia, em ambas as modalidades, pertencer à religião Católica e a história de infidelidade paterna, na modalidade *online*, são preditores significativos do envolvimento extra-diádico. Já entre as mulheres, encontram-se a história de infidelidade prévia, em ambas as modalidades, e o número de parceiros sexuais, na modalidade *offline*.

Tal como tem sido referido na literatura (Banfield & McCabe, 2001; Wiederman, 1997a; Wiederman & Hurd, 1999), a história de infidelidade prévia associa-se significativamente aos CED. Este padrão de comportamento repetitivo, para alguns indivíduos, pode refletir um baixo compromisso com a relação; um *efeito limite* (“threshold effect”, McAnulty, & Brineman, 2007, p. 101), isto é, uma vez que a pessoa “já pisou a linha”, qualquer transgressão subsequente parece menos séria; ou outras características individuais, como a permissividade sexual (McAnulty & Brineman, 2007). Por sua vez, e consistente com os resultados deste estudo, também o número de parceiros sexuais tem sido associado ao envolvimento em CED (e.g., McAlister et al., 2005; Træen et al., 2007; Wiederman, 1997b), no entanto, no nosso estudo, a relação entre o número de parceiros sexuais e o envolvimento em CED parece ser especialmente evidente entre as mulheres, ainda que estas, comparativamente aos homens, reportem menos parceiros sexuais. Do nosso conhecimento, os estudos prévios mencionados não fizeram uma separação por género ao analisarem esta associação, portanto é possível que este padrão de associação seja diferente consoante o género.

No que concerne ao envolvimento em CED *online* pelos homens, pertencer à religião Católica é um preditor significativo – resultado contrário ao que tem sido observado em estudos anteriores (e.g., Burdette et al., 2007; Forste & Tanfer, 1996), nos quais o envolvimento extra-diádico é mais reportado por indivíduos que não têm uma afiliação religiosa, do por aqueles que têm (embora estes estudos tivessem apenas considerado os comportamentos numa modalidade presencial). Face a este resultado, é possível que os indivíduos que pertencem à religião Católica, pela exposição contínua a mensagens que condenam o envolvimento extra-diádico, sejam levados a procurar *um local* (o ciberespaço) em que alguma liberdade, permitindo-lhes, por exemplo, obter gratificação sexual de forma mais fácil e anónima (Underwood & Findlay, 2004).

Quanto à história relacional dos pais, apenas a infidelidade do pai se relaciona com o envolvimento em CED para os homens (i.e., filhos). Entre as mulheres (i.e., filhas) não se observou qualquer associação significativa, tal como nos estudos de Havlicek, Husarova, Rezacova e Klapilova (2011) e de Platt, Nalbone, Casanova e Wetchler (2008). Estes últimos interpretaram este resultado sugerindo que os filhos vêem o pai com um modelo para o seu



comportamento no futuro. Mahl (2001) refere que alguns marcadores de ajustamento negativos (e.g., relações mais curtas) se encontram associados às crenças que muitos filhos de pais divorciados têm sobre as relações românticas. Estas explicações sugerem a possibilidade de transmissão geracional destes comportamentos. Alternativamente, outra explicação proposta relaciona-se com a heritabilidade da tendência face ao envolvimento extra-diádico (i.e., nível de sociosexualidade; Havlicek et al., 2011). Esta explicação genética é suportada por um estudo de gémeos, que mostra um componente genético relativamente elevado para a sociosexualidade (Bailey, Dunne, & Martin, 2000). Com efeito, tanto aspetos genéticos como desenvolvimentais e socioculturais podem ter um papel importante na explicação deste resultado, no entanto, é fundamental mais investigação, nomeadamente de natureza longitudinal, para analisar com maior detalhe, por exemplo, a hipótese da transmissão geracional de CED.

Ainda através das análises multivariadas, verifica-se que a satisfação relacional é um forte preditor negativo de envolvimento em CED nos homens, em ambas as modalidades, ao passo que nas mulheres é apenas preditora dos CED na modalidade *online*. Apesar deste resultado demonstrar a relevância desta variável nas relações de namoro, tal como, por exemplo, os estudos de Drigotas et al. (1999) e de McAlister et al. (2005) já tinham revelado, era esperado que a satisfação com a relação fosse também um forte preditor de CED presencias para as mulheres (esta variável foi apenas marginalmente significativa;  $p = .059$ ). De facto, a percentagem de variância explicada pela satisfação relacional no nosso estudo foi muito menor nas mulheres, comparativamente aos homens. Estas observações remetem para o estudo de outras variáveis que possam estar explicar o envolvimento em CED nas mulheres, como por exemplo o compromisso com a relação ou a qualidade das alternativas (Banfield & McCabe, 2001; Drigotas et al., 1999; McAlister et al., 2005).

A associação entre a satisfação relacional e o envolvimento em CED *online* neste estudo vai no sentido dos resultados obtidos por Underwood e Findlay (2004). O estudo destes autores mostrou que a maioria dos participantes relatou uma maior satisfação com o seu parceiro extra-diádico *online* do que com a sua relação primária presencial. Os mesmos autores sugeriram que tanto os homens como as mulheres se sentiam insatisfeitos sexualmente, porém, era na modalidade *online* que os participantes se sentiam mais compreendidos e disponíveis para falar sobre qualquer assunto e para partilhar sentimentos. Ou seja, as características da Internet, como o anonimato, parecem potenciar uma oportunidade para o desenvolvimento da intimidade, que talvez não seja percebida como estando em falta na relação primária presencial (Whitty, 2003), mas que provavelmente se associa à satisfação relacional e sexual do casal.

Entre as variáveis sociodemográficas, contrariamente ao esperado, não foi encontrada uma associação entre a religiosidade e o envolvimento em CED. Porém, este resultado acaba por ser consistente com os encontrados nos estudos de Mark et al. (2011) e de Wiederman e Hurd (1999). De facto,

apesar da maioria dos participantes pertencer à religião Católica, a maioria também é não praticante e não reportou uma importância da religião na vida e na tomada de decisões determinante, o que pode ser relevante para explicar este resultado. Já o nível de educação, conforme esperado, não se correlaciona significativamente com o envolvimento em CED, tal como no estudo de Træen et al. (2007). Contudo, refira-se que a amostra deste estudo é muito homogênea a este nível, a grande maioria dos participantes frequenta o ensino superior, o que pode atenuar a potencial relação entre as variáveis.

No que toca às variáveis relativas à história relacional, contrariamente ao esperado, a idade de início da atividade sexual e a duração da relação de namoro não se correlacionaram significativamente com o envolvimento em CED, ainda que estes resultados sejam consistentes com os do estudo de McAlister et al. (2005), também realizado no contexto de namoro, e nos qual os autores também hipotetizaram a existência de uma associação entre estas variáveis.

Quanto à variável interpessoal satisfação sexual, a associação entre esta variável e o envolvimento em CED foi significativa apenas nos modelos univariados, o que é coerente com o estudo de Mark et al. (2011). De facto, no presente estudo, a satisfação sexual correlaciona-se negativamente com o envolvimento extra-diádico entre os homens, em ambas as modalidades, e entre as mulheres apenas na modalidade *online*. Este resultado é consistente com a literatura, que sugere que a satisfação sexual parece ser mais relevante para o género masculino, do que para o feminino (e.g., Banfield & McCabe, 2001; Liu, 2000), mas menos relevante que a satisfação relacional (Mark et al., 2011).

Em síntese, o presente estudo possibilita uma avaliação compreensiva dos motivos para a infidelidade, das taxas de prevalência e das variáveis associadas com a ocorrência de CED *offline* e *online* nas relações de namoro, temas escassamente estudados, sobretudo em Portugal. As taxas elevadas encontradas neste estudo revelam a pertinência de estudar o envolvimento extra-diádico nas relações de namoro. Tal como Buss e Schackelford (1997) já tinham sugerido, as variáveis demográficas não parecem ser as melhores preditoras dos CED. Já as variáveis relativas à história relacional e as variáveis interpessoais, como a satisfação relacional, são variáveis relevantes na predição de envolvimento extra-diádico. Um dos principais contributos deste estudo tem a ver com a inclusão da modalidade *online*, sendo que nesta modalidade os indivíduos parecem sentir-se abertos para partilhar sentimentos e disponíveis para obter gratificação sexual, assumindo assim um papel importante na compreensão destes comportamentos.

Este estudo fornece informação relevante sobre os significados de compromisso e exclusividade nas relações de namoro e evidencia que é importante identificar os “fatores de risco” para o envolvimento extra-diádico, uma vez que este conhecimento pode conduzir a aplicações no campo da terapia de casal (McAnulty & Brineman, 2007). Assim, os profissionais poderão estar numa melhor posição para lidar com tais comportamentos que, a longo prazo, podem traduzir-se em consequências

negativas individuais e relacionais que se arrastam, muitas vezes, para o casamento (McAlister et al., 2005; Wiederman & Hurd, 1999). Nesta linha, Fife, Weeks e Gambescia (2007) destacam três aspetos importantes a considerar na avaliação e no tratamento desta problemática: os fatores de risco individuais, a relação do casal e as influências das famílias de origem na presente relação. Mais concretamente, os resultados deste estudo podem ter implicações importantes para os terapeutas a trabalhar com os casais “em luta” com as consequências do envolvimento extra-diádico, na medida em que podem potenciar um maior *insight* sobre os motivos pelas quais as pessoas se envolvem em CED (Allen & Baucom, 2004). Por sua vez, Atkins, Eldridge, Baucom e Christensen (2005) sugerem que quando se trabalha com casais afetados pelo envolvimento em CED pode ser útil os clínicos focarem-se na relação como um todo, em vez de se concentrarem apenas na problemática da infidelidade. De facto, parece ser importante considerar as diferentes variáveis relativas à história relacional e interpessoais, como a satisfação, já que estas parecem ser preditoras significativas do envolvimento extra-diádico.

Refira-se que este estudo ultrapassa algumas das limitações apontadas na investigação realizada neste âmbito. Uma das mais importantes relaciona-se com a adoção de uma conceptualização e medida dos CED que inclui indicadores comportamentais altamente específicos e não-ambíguos, o que, por sua vez, reduz a ambiguidade nas respostas. Adicionalmente, a recolha de amostra em contexto comunitário e através da Internet são outro ponto forte deste estudo, pois a investigação sugere que a desejabilidade social é reduzida nos estudos em que a amostra é *online*, especialmente para questões sexuais mais sensíveis, em comparação com investigações que utilizam os tradicionais questionários de papel e caneta (Pealer, Weiler, Pigg, Miller, & Dorman, 2001; Turner et al., 1998).

Contudo, apresenta também algumas limitações, que importam mencionar por implicarem prudência na interpretação dos resultados. Primeira, a nossa amostra tratou-se de uma amostra de conveniência. Neste sentido, a taxa de prevalência reportada no presente estudo, provavelmente, não garante representatividade na população. Segunda, o formato de auto-resposta dos instrumentos utilizados no estudo pode levar a respostas distorcidas por parte dos participantes. De acordo com Wiederman (1997b), a recordação imprecisa é um tipo de enviesamento que requer especial atenção nos questionários de auto-resposta da atividade sexual pois, por exemplo, os participantes podem fazer uma estimativa do número de parceiros sexuais, em vez de tentarem contar o número real de parceiros. Adicionalmente, dada a natureza sensível deste tópico, é possível que os participantes não sejam completamente verdadeiros nas suas respostas, ou seja, os resultados podem estar influenciados pela desejabilidade social. É provável que alguns participantes providenciem informação sobre as suas fantasias, em vez daquilo que realmente ocorreu (Charny & Parnass, 1995). De facto, enquanto alguns participantes podem sobre-reportar, outros podem sub-reportar a sua realidade (Blow & Hartnett, 2005a). A este propósito, Whisman e Snyder (2007), ao comparar a taxa de CED baseada numa auto-

entrevista assistida pelo computador (i.e., A-CASI) e a obtida partir de uma entrevista cara-a-cara, verificaram uma redução significativa na taxa de comportamentos quando eram usadas entrevistas cara-a-cara, sugerindo que o método particular com que se avalia os CED tem um grande impacto na sua taxa. Neste sentido, é possível, como referido, que a recolha via questionário *online* possa ter, de algum modo, possibilitado resultados mais fiáveis.

Do ponto de vista da investigação futura, uma maior ênfase na análise dos CED na modalidade *online*, bem como no estudo de um conjunto mais amplo de variáveis (e.g., relacionais, interpessoais, personalidade) são recomendados. Investigação futura sobre o potencial impacto negativo individual, relacional e sexual destes comportamentos nas partes envolvidas é, igualmente, fundamental. A investigação que permita avaliar padrões de envolvimento extra-diádico ao longo do tempo também é importante, pois, tal como defendem McAnulty e Brineman (2007), poderá ser a melhor forma de compreender o curso do tempo das causas e dos efeitos destes comportamentos. Por último, seria igualmente importante a replicação deste estudo noutras situações relacionais (e.g., casados, uniões de fato, divorciados).

### Bibliografia

- Allen, E., Atkins, D., Baucom, D., Snyder, D., Gordon, K., & Glass, S. (2005). Intrapersonal, interpersonal, and contextual factors in engaging in and responding to extramarital involvement. *Clinical Psychology: Science and Practice*, *12*, 101-130. doi:10.1093/clipsy/bpi014
- Allen, E., & Baucom, D. (2004). Adult attachment and patterns of extradyadic involvement. *Family Process*, *43*(4), 467-488. doi:10.1111/j.1545-5300.2004.00035.x
- Allen, E., & Baucom, D. (2006). Dating, marital, and hypothetical extradyadic involvements: How do they compare? *The Journal of Sex Research*, *43*(4), 307-317. doi:10.1080/00224490609552330
- Amato, P., & Rogers, S. (1997). A longitudinal study of marital problems and subsequent divorce. *Journal of Marriage and Family*, *59*(3), 612-624.
- Atkins, D., Baucom, D., & Jacobson, N. (2001). Understanding infidelity: Correlates in a national random sample. *Journal of Family Psychology*, *15*(4), 735-749. doi:10.1037//0893-3200.15.4.735
- Atkins, D. C., Eldridge, K. A., Baucom D. H., & Christensen, A. (2005). Infidelity and behavioral couple therapy: Optimism in the face of betrayal. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *73*(1), 144-150. doi:10.1037/0022-006X.73.1.144
- Bailey, J. M., Dunne, M. P., & Martin, N. G. (2000). Genetic and environmental influences on sexual orientation and its correlates in an Australian twin sample. *Journal of Personality and Social Psychology*, *78*(3), 524-536.
- Banfield, S., & McCabe, M. (2001). Extra relationship involvement among women: Are they different from men? *Archives of Sexual Behavior*, *30*(2), 119-142. doi:10.1023/A:1002773100507
- Barta, W., & Kiene, S. (2005). Motivations for infidelity in heterosexual dating couples: The roles of gender, personality differences, and

- sociosexual orientation [Resumo]. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(3), 339-360. doi:10.1177/0265407505052440
- Betzig, L. (1989). Causes of conjugal dissolution: A cross-cultural study. *Current Anthropology*, 30(5), 654-676.
- Blow, A., & Hartnett, K. (2005a). Infidelity in committed relationships I: A methodological review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 183-216. doi:10.1111/j.1752-0606.2005.tb01555.x
- Blow, A., & Hartnett, K. (2005b). Infidelity in committed relationships II: A substantive review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 217-233. doi:10.1111/j.1752-0606.2005.tb01556.x
- Brand, R., Markey, C., Mills, A., & Hodges, S. (2007). Sex differences in self-reported infidelity and its correlates. *Sex Roles*, 57, 101-109. doi:10.1007/s11199-007-9221-5
- Bui, K. T., Peplau, L. A., & Hill, C. T. (1996). Testing the Rusbult model of relationship commitment and stability in a 15-year study of heterosexual couples. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 22(12), 1244-1257. doi:10.1177/01461672962212005
- Burdette, A. M., Ellison, C. G., Sherkat, D. E., & Gore, K. A. (2007). Are there religious variations in marital infidelity? *Journal of Family Issues*, 28(12), 1553-1581. doi:10.1177/0192513X07304269
- Buss, D. M., & Shackelford, T. K. (1997). Susceptibility to infidelity in the first year of marriage. *Journal of Research in Personality*, 31, 193-221.
- Buss, D. M., Shackelford, T. K., Kirkpatrick, L. A., & Larsen, R. J. (2001). A half century of American mate preferences: The cultural evolution of values. *Journal of Marriage and the Family*, 63, 491-503. doi:10.1111/j.1741-3737.2001.00491.x
- Buunk, B. P. (1980). Extramarital sex in the Netherlands: Motivation in social and marital context. *Alternative Lifestyles*, 3(1), 11-39. doi:10.1007/BF01083027
- Buunk, B. P., & Bakker, A. B. (1995). Extradyadic sex: The role of descriptive and injunctive norms. *The Journal of Sex Research*, 32(4), 313-318. doi:10.1080/00224499509551804
- Call, V., Sprecher, S., & Schwartz, P. (1995). The incidence and frequency of marital sex in a national sample. *Journal of Marriage and Family*, 57(3), 639-652.
- Charny, I., & Parnass, S. (1995). The impact of extramarital relationships on the continuation of marriages. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 21(2), 101-115. doi:10.1080/00926239508404389
- Choi, K., Catania, J. A., & Dolcini, M. M. (1994). Extramarital sex and HIV risk behavior among US adults: Results from the national AIDS behavioral survey. *American Journal of Public Health*, 84(12), 2003-2007. doi:10.2105/AJPH.84.12.2003
- Cohen, J. (1992). A power primer. *Psychological Bulletin*, 112(1), 155-159. doi:10.1037/0033-2909.112.1.155
- Cooper, A., Delmonico, D. L., & Burg, R. (2000). Cybersex users, abusers, and compulsives: New findings and implications. *Sexual Addiction & Compulsivity: The Journal of Treatment & Prevention*, 7(1-2), 5-29. doi:10.1080/10720160008400205
- Drigotas, S. M., & Barta, W. (2001). The cheating heart: Scientific explorations of infidelity. *Current Directions in Psychological Science*, 10(5), 177-180. doi:10.1111/1467-8721.00143
- Drigotas, S. M., Safstrom, A., & Gentilia, T. (1999). An investment model prediction of dating infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(3), 509-524. doi:10.1037/0022-3514.77.3.509

- Edin, K., Kefalas, M. J., & Reed, J. M. (2004). A peek inside the black box: What marriage means for poor unmarried parents. *Journal of Marriage and Family*, 66(4), 1007-1014. doi:10.1111/j.0022-2445.2004.00072.x
- Feldman, S. S., & Cauffman, E. (1999). Sexual betrayal among late adolescents: Perspectives of the perpetrator and the aggrieved. *Journal of Youth and Adolescence*, 28(2), 235-258. doi:10.1023/A:1021605532205
- Forste, R., & Tanfer, K. (1996). Sexual exclusivity among dating, cohabiting, and married women. *Journal of Marriage and Family*, 58(1), 33-47.
- Fife, S. T., Weeks, G. R., & Gambescia, N. (2007). The intersystems approach to treating infidelity. In P. R. Peluso (Ed.), *Infidelity: A practitioner's guide to working with couples in crisis* (pp.71-97). New York: Routledge, Taylor & Francis Group.
- Glass, S. P., & Wright, T. L. (1985). Sex differences in type of extramarital involvement and marital dissatisfaction. *Sex Roles*, 12(9-10), 1101-1120. doi:10.1007/BF00288108
- Grello, C., Welsh, D., & Harper, M. (2006). No strings attached: The nature of casual sex in college students. *The Journal of Sex Research*, 43(3), 255-267. doi:10.1080/00224490609552324
- Hansen, G. L. (1987). Extradyadic relations during courtship. *The Journal of Sex Research*, 23, 382-390. doi:10.1080/00224498709551376
- Harris, C. R. (2002). Sexual and romantic jealousy in heterosexual and homosexual adults. *Psychological Science*, 13, 7-12.
- Havlicek, J., Husarova, B., Rezacova, V., & Klapilova, K. (2011). Correlates of extra-dyadic sex in Czech heterosexual couples: Does sexual behavior of parents matter? *Archives of Sexual Behavior*, 40(6), 1153-1163. doi:10.1007/s10508-011-9869-3
- Hicks, T. V., & Leitenberg, H. (2001). Sexual fantasies about one's partner versus someone else: Gender differences in incidence and frequency. *The Journal of Sex Research*, 38(1), 43-50.
- Impett, E. A., Beals, K. P., & Peplau, L. A. (2001/2002). Testing the investment model of relationship commitment and stability in a longitudinal study of married couples. *Current Psychology*, 20(4), 312-326. doi: 10.1007/s12144-001-1014-3
- Kontula, O., & Haavio-Mannila, E. (1995). *Sexual pleasures: Enhancement of sex life in Finland, 1971-1992*. Brookfield, VT: Dartmouth Publishing Company.
- Lawrance, K., & Byers, E. (1998). Interpersonal exchange model of Sexual Satisfaction Questionnaire. In C. M. Davis, W. L. Yarber, R. Bauserman, G. Schreer, & S. L. Davis (Eds.), *Sexuality-related measures: A compendium* (2<sup>a</sup> ed., pp. 514-519). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Lewin, B. (2000). Sexual intercourse and partners. In B. Lewin (Ed.), *Sex in Sweden: On the Swedish sexual life* (pp. 76-79). Stockholm: National Institute of Public Health.
- Liu, C. (2000). A theory of marital sexual life. *Journal of Marriage and Family*, 62(2), 363-374. doi:10.1111/j.1741-3737.2000.00363.x
- Luo, S., Cartun, M., & Snider, A. (2010). Assessing extradyadic behavior: A review, a new measure, and two new models. *Personality and Individual Differences*, 49, 155-163. doi:10.1016/j.paid.2010.03.033
- Mahl, D. (2001). The influence of parental divorce on the romantic relationship beliefs of young adults. *Journal of Divorce & Remarriage*, 34(3-4), 89-118. doi:10.1300/J087v34n03\_06

- Mark, K., Janssen, E., & Milhausen, R. (2011). Infidelity in heterosexual couples: Demographic, interpersonal, and personality-related predictors of extradyadic sex. *Archives of Sexual Behavior, 40*(5), 971-982. doi:10.1007/s10508-011-9771-z
- Mattingly, B. A., Wilson, K., Clark, E. M., Bequette, A. W., & Weidler, D. J. (2010). Foggy faithfulness: Relationship quality, religiosity, and the Perceptions of Dating Infidelity Scale in an adult sample. *Journal of Family Issues, 31*(11), 1465-1480. doi: 10.1177/0192513X10362348
- McAlister, A., Pachana, N., & Jackson, C. (2005). Predictors of young dating adults' inclination to engage in extradyadic sexual activities: A multi-perspective study. *British Journal of Psychology, 96*, 331-350. doi:10.1348/000712605X47936
- McAnulty, R., & Brineman, J. (2007). Infidelity in dating relationships. *Annual Review of Sex Research, 18*, 94-114.
- Merkle, E., & Richardson, R. (2000). Digital dating and virtual relating: Conceptualizing computer mediated romantic relationships. *Family Relations, 49*(2), 187-192. doi:10.1111/j.1741-3729.2000.00187.x
- Miller, S., & Maner, J. (2009). Sex differences in response to sexual versus emotional infidelity: The moderating role of individual differences. *Personality and Individual Differences, 46*, 287-291. doi:10.1016/j.paid.2008.10.013
- Pealer, L. N., Weiler, R. M., Pigg, R. M., Miller, D., & Dorman, S. M. (2001). The feasibility of a web-based surveillance system to collect health risk behavior data from college students. *Health Education & Behavior, 28*, 547-559. doi:10.1177/109019810102800503
- Platt, R. A., Nalbone, D. P., Casanova, G. M., & Wetchler, J. L. (2008). Parental conflict and infidelity as predictors of adult children's attachment style and infidelity. *The American Journal of Family Therapy, 36*(2), 149-161. doi:10.1080/01926180701236258
- Roscoe, B., Cavanaugh, L., & Kennedy, D. (1988). Dating infidelity: Behaviors, reasons and consequences. *Adolescence, 23*(89), 35-43.
- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology, 16*, 172-186. doi:10.1016/0022-1031(80)90007-4
- Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvement. *Journal of Personality and Social Psychology, 45*, 101-117. doi:10.1037/0022-3514.45.1.101
- Shaw, J. (1997). Treatment rationale for Internet infidelity. *Journal of Sex Education and Therapy, 22*(1), 29-34.
- Smith, T. W. (1992). Discrepancies between men and women in reporting number of sexual partners: A summary from four countries [Resumo]. *Biodemography and Social Biology, 39*(3-4), 203-211. doi:10.1080/19485565.1992.9988817
- Thompson, A. P. (1984). Emotional and sexual components of extramarital relations. *Journal of Marriage and Family, 46*(1), 35-42.
- Træen, B., Holmen, K., & Stigum, H. (2007). Extradyadic sexual relationships in Norway. *Archives of Sexual Behavior, 36*(1), 55-65. doi:10.1007/s10508-006-9080-0
- Træen, B., & Stigum, H. (1998). Parallel sexual relationships in the Norwegian context. *Journal of Community & Applied Social Psychology, 8*(1), 41-56. doi:10.1002/(SICI)1099-1298(199801/02)8:1<41::AID-CASP440>3.0.CO;2-3
- Treas, J., & Giesen, D. (2000). Sexual infidelity among married and cohabiting Americans. *Journal of Marriage and Family, 62*(1), 48-60.

- doi:10.1111/j.1741-3737.2000.00048.x
- Trivers, R. (1972). Parental investment and sexual selection. In B. Campbell (Ed.), *Sexual selection and the descent of man: 1871-1971* (pp. 136-179). Chicago: Aldine-Atherton.
- Turner, C. F., Ku, L., Rogers, S. M., Lindberg, L. D., Pleck, J. H., & Stonenstien, F. L. (1998). Adolescent sexual behavior, drug use, and violence: Increased reporting with computer survey technology. *Science*, 280, 867-873. doi:10.1126/science.280.5365.867
- Underwood, H., & Findlay, B. (2004). Internet relationships and their impact on primary relationships. *Behaviour Change*, 21(2), 127-140. doi:10.1375/bech.21.2.127.55422
- Whisman, M. A., & Snyder, D. K. (2007). Sexual infidelity in a national survey of American women: Differences in prevalence and correlates as a function of method of assessment. *Journal of Family Psychology*, 21(2), 147-154. doi:10.1037/0893-3200.21.2.147
- Whitty, M. (2003). Pushing the wrong buttons: Men's and women's attitudes toward online and offline infidelity. *CyberPsychology & Behavior*, 6(6), 569-579. doi:10.1089/109493103322725342
- Wiederman, M. W. (1997a). Extramarital sex: Prevalence and correlates in a national survey. *The Journal of Sex Research*, 34(2), 167-174. doi:10.1080/00224499709551881
- Wiederman, M. W. (1997b). The truth must be in here somewhere: Examining the gender discrepancy in self-reported lifetime number of sex partners. *Journal of Sex Research*, 34(4), 375-386. doi:10.2307/3813479
- Wiederman, M. W., & Hurd, C. (1999). Extradyadic involvement during dating. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16(2), 265-274. doi:10.1177/0265407599162008
- Wysocki, D. K. (1998). Let your fingers do the talking: Sex on an adult chat-line. *Sexualities*, 1(4), 425-452. doi:10.1177/136346098001004003
- Yarab, P. E., Sensibaugh, C. C., & Allgeier, E. R. (1998). More than just sex: Gender differences in the incidence of self-defined unfaithful behavior in heterosexual dating relationships. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 10(2), 45-57. doi:10.1300/J056v10n02\_03



### Bibliografia geral

- Allen, E., Atkins, D., Baucom, D., Snyder, D., Gordon, K., & Glass, S. (2005). Intrapersonal, interpersonal, and contextual factors in engaging in and responding to extramarital involvement. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 12, 101-130. doi:10.1093/clipsy/bpi014
- Allen, E., & Baucom, D. (2006). Dating, marital, and hypothetical extradyadic involvements: How do they compare? *The Journal of Sex Research*, 43(4), 307-317. doi:10.1080/00224490609552330
- Alvarez, M.-J., & Nogueira, J. (2008). Definições sexuais de estudantes universitários. *Psicologia*, 22(1), 59-76.
- Amato, P., & Rogers, S. (1997). A longitudinal study of marital problems and subsequent divorce. *Journal of Marriage and Family*, 59(3), 612-624.
- Atkins, D., Baucom, D., & Jacobson, N. (2001). Understanding infidelity: Correlates in a national random sample. *Journal of Family Psychology*, 15(4), 735-749. doi:10.1037//0893-3200.15.4.735
- Bassett, J. (2005). Sex differences in jealousy in response to a partner's imagined sexual or emotional infidelity with a same or different race other. *North American Journal of Psychology*, 7(1), 71-84.
- Betzig, L. (1989). Causes of conjugal dissolution: A cross-cultural study. *Current Anthropology*, 30(5), 654-676.
- Blow, A., & Hartnett, K. (2005a). Infidelity in committed relationships I: A methodological review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 183-216. doi:10.1111/j.1752-0606.2005.tb01555.x
- Blow, A., & Hartnett, K. (2005b). Infidelity in committed relationships II: A substantive review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 217-233. doi:10.1111/j.1752-0606.2005.tb01556.x
- Boekhout, B. A., Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (2003). Exploring infidelity: Developing the Relationship Issues Scale. *Journal of Loss and Trauma*, 8(4), 283-306. doi:10.1080/15325020305882
- Brand, R., Markey, C., Mills, A., & Hodges, S. (2007). Sex differences in self-reported infidelity and its correlates. *Sex Roles*, 57, 101-109. doi:10.1007/s11199-007-9221-5
- Bui, K. T., Peplau, L. A., & Hill, C. T. (1996). Testing the Rusbult model of relationship commitment and stability in a 15-year study of heterosexual couples. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 22(12), 1244-1257. doi:10.1177/01461672962212005
- Buss, D. M. (1991). Conflict in married couples: Personality predictors of anger and upset. *Journal of Personality*, 59(4), 663-687. doi:10.1111/j.1467-6494.1991.tb00926.x
- Buss, D. M. (2000). *The dangerous passion: Why jealousy is as necessary as love and sex*. London: Bloomsbury Publishing.
- Buunk, B. P. (1980). Extramarital sex in the Netherlands: Motivation in social and marital context. *Alternative Lifestyles*, 3(1), 11-39. doi:10.1007/BF01083027
- Buunk, B. P., & Bakker, A. B. (1995). Extradyadic sex: The role of descriptive and injunctive norms. *The Journal of Sex Research*, 32(4), 313-318. doi:10.1080/00224499509551804
- Buunk, B. P., & Bakker, A. B. (1997). Commitment to the relationship, extradyadic sex, and AIDS preventive behavior. *Journal of Applied Social Psychology*, 27(14), 1241-1257. doi:10.1111/j.1559-1816.1997.tb01804.x
- Cano, A., & O'Leary, K. D. (2000). Infidelity and separations precipitate major depressive episodes and symptoms of nonspecific depression

- and anxiety. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68(5), 774-781. doi:10.1037/0022-006X.68.5.774
- Carvalho, A., & Gomes, F. (2003). Cybersex in portuguese chatrooms: A study of sexual behaviors related to online sex. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 29, 345-360. doi:10.1080/00926230390224729
- Charny, I. W., & Parnass, S. (1995). The impact of extramarital relationships on the continuation of marriages. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 21(2), 100-115. doi:10.1080/00926239508404389
- Collins, L. (1999). Emotional adultery: Cybersex and commitment. *Social Theory and Practice*, 25(2), 243-271.
- Cooper, A., Delmonico, D. L., & Burg, R. (2000). Cybersex users, abusers, and compulsives: New findings and implications. *Sexual Addiction & Compulsivity: The Journal of Treatment & Prevention*, 7(1-2), 5-29. doi:10.1080/10720160008400205
- Cooper, A., McLoughlin, I. P., & Campbell, K. M. (2000). Sexuality in cyberspace: Update for the 21st century. *CyberPsychology & Behaviour*, 3(4), 521-536. doi:10.1089/109493100420142
- Cooper, A., & Sportolari, L. (1997). Romance in cyberspace: Understanding online attraction. *Journal of Sex Education and Therapy*, 22(1), 7-14.
- Cramer, R. E., Abraham, W. T., Johnson, L. M., & Manning-Ryan, B. (2001/2002). Gender differences in subjective distress to emotional and sexual infidelity: Evolutionary or logical inference explanation? *Current Psychology: Developmental, Learning, Personality, Social*, 20(4), 327-336. doi:10.1007/s12144-001-1015-2
- Crawford, M., & Popp, D. (2003). Sexual double standards: A review and methodological critique of two decades of research. *The Journal of Sex Research*, 40(1), 13-26. doi:10.1080/00224490309552163
- Daly, M., & Wilson, M. (1988). Evolutionary social psychology and family homicide. *Science*, 242, 519-524. doi:10.1126/science.3175672
- DeSteno, D. A., & Salovey, P. (1996). Evolutionary origins of sex differences in jealousy? Questioning the "fitness" of the model. *Psychological Science*, 7(6), 367-372. doi:10.1111/j.1467-9280.1996.tb00391.x
- Dew, B., Brubaker, M., & Hays, D. (2006). From the altar to the Internet: Married men and their online behavior. *Sexual Addiction & Compulsivity: The Journal of Treatment & Prevention*, 13(2-3), 195-207. doi:10.1080/10720160600870752
- Drigotas, S., Safstrom, A., & Gentilia, T. (1999). An investment model prediction of dating infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(3), 509-524. doi:10.1037/0022-3514.77.3.509
- Drudis, E. (1999). Sex, sex, sex, that's all you ever sign on about. *The Vancouver Sun*, B11, 1-2.
- Edin, K., Kefalas, M. J., & Reed, J. M. (2004). A peek inside the black box: What marriage means for poor unmarried parents. *Journal of Marriage and Family*, 66(4), 1007-1014. doi:10.1111/j.0022-2445.2004.00072.x
- Feldman, S. S., & Cauffman, E. (1999a). Sexual betrayal among late adolescents: Perspectives of the perpetrator and the aggrieved. *Journal of Youth and Adolescence*, 28(2), 235-258. doi:10.1023/A:1021605532205
- Feldman, S. S., & Cauffman, E. (1999b). Your cheatin' heart: Attitudes, behaviors, and correlates of sexual betrayal in late adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 9(3), 227-252. doi:10.1207/s15327795jra0903\_1
- Feldman, S. S., Cauffman, E., Jensen, L. A., & Arnett, J. J. (2000). The

- (un)acceptability of betrayal: A study of college students' evaluations of sexual betrayal by a romantic partner and betrayal of a friend's confidence. *Journal of Youth and Adolescence*, 29(4), 499-523. doi:10.1023/A:1005166627678
- Glass, S. P. (2002). *Not "just friends": Protect your relationship from infidelity and heal the trauma of betrayal*. New York: Free Press.
- Glass, S. P., & Wright, T. L. (1985). Sex differences in type of extramarital involvement and marital dissatisfaction. *Sex Roles*, 12(9-10), 1101-1120. doi:10.1007/BF00288108
- Gordon, K. C., Baucom, D. H., & Snyder, D. K. (2004). An integrative intervention for promoting recovery from extramarital affairs. *Journal of Marital and Family Therapy*, 30(2), 1-12. doi:10.1111/j.1752-0606.2004.tb01235.x
- Hackathorn, J. (2009). Beyond touching: The evolutionary theory and computer-mediated infidelity. *The New School Psychology Bulletin*, 6(1), 29-34.
- Hansen, G. L. (1987). Extradyadic relations during courtship. *The Journal of Sex Research*, 23, 382-390. doi:10.1080/00224498709551376
- Harris, C. R. (2002). Sexual and romantic jealousy in heterosexual and homosexual adults. *Psychological Science*, 13(1), 7-12.
- Harris, C. R., & Christenfeld, N. (1996). Gender, jealousy, and reason. *Psychological Science*, 7(6), 364-366. doi:10.1111/j.1467-9280.1996.tb00390.x
- Harvey, R., & Hackathorn, J. (2011) Sexual double standards: Bias in perceptions of cyber-infidelity. *Sexuality & Culture*, 15, 100-113. doi:10.1007/s12119-010-9082-x
- Henline, B. H., Lamke, L. K., & Howard, M. D. (2007). Exploring perceptions of online infidelity [Resumo]. *Personal Relationships*, 14(1), 113-128. doi:10.1111/j.1475-6811.2006.00144.x
- Holmes, J. G., & Rempel, J. K. (1989). Trust in close relationships. In C. Hendrick (Ed.), *Close Relationships: Review of personality and social psychology* (Vol.10, pp. 187-220). Newbury Park, CA: Sage.
- Impett, E. A., Beals, K. P., & Peplau, L. A. (2001/2002). Testing the investment model of relationship commitment and stability in a longitudinal study of married couples. *Current Psychology*, 20(4), 312-326. doi: 10.1007/s12144-001-1014-3
- Kelley, H. H., & Thibaut, J. E. (1978). *Interpersonal relations: A theory of interdependence*. New York: Wiley.
- Kelly, J., & Bazzini, D. G. (2001). Gender, sexual experience, and the sexual double standard: Evaluations of female contraceptive behavior. *Sex Roles*, 45(11-12), 785-799. doi:10.1023/A:1015640419862
- Kline, G. H., Stanley, S. M., Markman, H. J., Olmos-Gallo, P. A., St. Peters, M., Whitton, S. M., & Prado, L. M. (2004). Timing is everything: Pre-engagement cohabitation and increased risk for poor marital outcomes. *Journal of Family Psychology*, 18(2), 311-318. doi: 10.1037/0893-3200.18.2.311
- Liu, C. (2000). A theory of marital sexual life. *Journal of Marriage and Family*, 62(2), 363-374. doi:10.1111/j.1741-3737.2000.00363.x
- Luo, S., Cartun, M., & Snider, A. (2010). Assessing extradyadic behavior: A review, a new measure, and two new models. *Personality and Individual Differences*, 49, 155-163. doi:10.1016/j.paid.2010.03.033
- Mark, K., Janssen, E., & Milhausen, R. (2011). Infidelity in heterosexual couples: Demographic, interpersonal, and personality-related predictors of extradyadic sex. *Archives of Sexual Behavior*, 40(5), 971-982. doi:10.1007/s10508-011-9771-z

- McAlister, A., Pachana, N., & Jackson, C. (2005). Predictors of young dating adults' inclination to engage in extradyadic sexual activities: A multi-perspective study. *British Journal of Psychology*, *96*, 331-350. doi:10.1348/000712605X47936
- McAnulty, R., & Brineman, J. (2007). Infidelity in dating relationships. *Annual Review of Sex Research*, *18*, 94-114.
- McKenna, K. Y., & Bargh, J. A. (1999). Causes and consequences of social interaction on the Internet: A conceptual framework. *Media Psychology*, *1*(3), 249-269. doi:10.1207/s1532785xmep0103\_4
- McKenna, K. Y., & Bargh, J. A. (2000). Plan 9 from cyberspace: The implications of the Internet for personality and social psychology. *Personality and Social Psychology Review*, *4*(1), 57-75. doi:10.1207/S15327957PSPR0401\_6
- McKenna, K. Y., Green, A. S., & Gleason, M. E. (2002). Relationship formation on the Internet: What's the big attraction? *Journal of Social Issues*, *58*(1), 659-671. doi:10.1111/1540-4560.00246
- Merkle, E., & Richardson, R. (2000). Digital dating and virtual relating: Conceptualizing computer mediated romantic relationships. *Family Relations*, *49*(2), 187-192. doi:10.1111/j.1741-3729.2000.00187.x
- Miller, S., & Maner, J. (2009). Sex differences in response to sexual versus emotional infidelity: The moderating role of individual differences. *Personality and Individual Differences*, *46*, 287-291. doi:10.1016/j.paid.2008.10.013
- Ortman, D. (2005). Post-infidelity stress disorder. *Journal of Psychosocial Nursing & Mental Health Services*, *43*(10), 46-54.
- Paul, L., Foss, M. A., & Baenninger, M. A. (1996). Double standards for sexual jealousy: Manipulative morality or a reflection of evolved sex differences? *Human Nature*, *7*(3), 291-321. doi:10.1007/BF02733399
- Randall, H. E., & Byers, E. S. (2003). What is sex? Students' definitions of having sex, sexual partner, and unfaithful sexual behaviour. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, *12*(2), 87-96.
- Roscoe, B., Cavanaugh, L., & Kennedy, D. (1988). Dating infidelity: Behaviors, reasons and consequences. *Adolescence*, *23*(89), 35-43.
- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology*, *16*, 172-186. doi:10.1016/0022-1031(80)90007-4
- Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvement. *Journal of Personality and Social Psychology*, *45*, 101-117. doi:10.1037/0022-3514.45.1.101
- Rusbult, C. E., Martz, J. M., & Agnew, C. R. (1998). The Investment Model Scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal Relationships*, *5*, 357-391. doi:10.1111/j.1475-6811.1998.tb00177.x
- Shaw, J. (1997). Treatment rationale for Internet infidelity. *Journal of Sex Education and Therapy*, *22*(1), 29-34.
- Sheppard, V. J., Nelson, E. S., & Andreoli-Mathie, V. (1995). Dating relationships and infidelity: Attitudes and behaviors. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *21*(3), 202-213. doi:10.1080/00926239508404399
- Singh, S., Singh A., & Goyal, G. (2008). Online and offline infidelity: Impact on life [Resumo]. *Annals of General Psychiatry*, *7* (Suppl. 1), S301. doi:10.1186/1744-859X-7-S1-S301
- Thompson, A. P. (1983). Extramarital sex: A review of the research literature. *Journal of Sex Research*, *19*(1), 1-22. doi:10.1080/00224498309551166

- Thompson, A. P. (1984). Emotional and sexual components of extramarital relations. *Journal of Marriage and Family*, 46(1), 35-42.
- Træen, B., Holmen, K., & Stigum, H. (2007). Extradyadic sexual relationships in Norway. *Archives of Sexual Behavior*, 36(1), 55-65. doi:10.1007/s10508-006-9080-0
- Træen, B., & Stigum, H. (1998). Parallel sexual relationships in the Norwegian context. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 8(1), 41-56. doi:10.1002/(SICI)1099-1298(199801/02)8:1<41::AID-CASP440>3.0.CO;2-3
- Treas, J., & Giesen, D. (2000). Sexual infidelity among married and cohabiting Americans. *Journal of Marriage and Family*, 62(1), 48-60. doi:10.1111/j.1741-3737.2000.00048.x
- Trivers, R. (1972). Parental investment and sexual selection. In B. Campbell (Ed.), *Sexual selection and the descent of man: 1871-1971* (pp. 136-179). Chicago: Aldine-Atherton.
- Underwood, H., & Findlay, B. (2004). Internet relationships and their impact on primary relationships. *Behaviour Change*, 21(2), 127-140. doi:10.1375/bech.21.2.127.55422
- Whisman, M., Dixon, A., & Johnson, B., (1997). Therapists' perspectives of couples' problems and treatment issues in couples' therapy. *Journal of Family Psychology*, 11(3), 361-366. doi:10.1037/0893-3200.11.3.361
- Whitty, M. T. (2003). Pushing the wrong buttons: Men's and women's attitudes toward online and offline infidelity. *CyberPsychology & Behavior*, 6(6), 569-579. doi:10.1089/109493103322725342
- Whitty, M. T. (2005). The realness of cybercheating: Men's and women's representations of unfaithful Internet relationships. *Social Science Computer Review*, 23(1), 57-67. doi:10.1177/0894439304271536
- Whitty, M. T., & Gavin, J. K. (2001). Age/sex/locations: Uncovering the social cues in the development of online relationships. *CyberPsychology & Behavior*, 4(5), 623-630. doi:10.1089/109493101753235223
- Whitty, M. T., & Quigley, L-L. (2008). Emotional and sexual infidelity offline and in cyberspace. *Journal of Marital and Family Therapy*, 34(4), 461-468. doi:10.1111/j.1752-0606.2008.00088.x
- Wiederman, M. W. (1997). Extramarital sex: Prevalence and correlates in a national survey. *The Journal of Sex Research*, 34(2), 167-174. doi:10.1080/00224499709551881
- Wiederman, M. W., & Hurd, C. (1999). Extradyadic involvement during dating. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16(2), 265-274. doi:10.1177/0265407599162008
- Wysocki, D. K. (1998). Let your fingers do the talking: Sex on an adult chat-line. *Sexualities*, 1(4), 425-452. doi:10.1177/136346098001004003
- Yarab, P. E., Sensibaugh, C. C., & Allgeier, E. R. (1998). More than just sex: Gender differences in the incidence of self-defined unfaithful behavior in heterosexual dating relationships. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 10(2), 45-57. doi:10.1300/J056v10n02\_03
- Young, K. S., Griffin-Shelley, E., Cooper, A, O'Mara, J., Buchanan, J. (2000). Online infidelity: A new dimension in couple relationships with implications for evaluation and treatment. *Sexual Addiction & Compulsivity: The Journal of Treatment & Prevention*, 7(1-2), 59-74. doi:10.1080/10720160008400207